



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO
DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

GERALDO VENCESLAU DE LIMA JÚNIOR

**COMO TERIA SIDO SE FOSSE DIFERENTE? A (TRANS) FORMAÇÃO DE
MENINO SURDO EM PROFESSOR**

**REDENÇÃO - CE
2021**

GERALDO VENCESLAU DE LIMA JÚNIOR

**COMO TERIA SIDO SE FOSSE DIFERENTE? A (TRANS) FORMAÇÃO DE
MENINO SURDO EM PROFESSOR**

Texto apresentado como requisito para defesa no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente.

Área de concentração: Linha 1 – Ensino e Formação Docente

Orientador(a): Profa. Dra. Sinara Mota Neves de Almeida

Coorientador(a): Profa. Dra. Kaline Araujo Mendes de Souza

**REDENÇÃO - CE
2021**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Lima Junior, Geraldo Venceslau de.

L696c

Como teria sido se fosse diferente? A transformação de menino surdo em professor / Geraldo Venceslau de Lima Junior. - Redenção, 2022.

73f: il.

Dissertação - Curso de Ensino e Formação Docente, Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Profa. Dra. Sinara Mota Neves de Almeida.

Coorientador: Profa. Dra. Kaline Araujo Mendes de Souza.

1. Professor surdo. 2. Autobiografia. 3. Identidade. I.
Título

CE/UF/BSP

CDD 370

GERALDO VENCESLAU DE LIMA JÚNIOR

**COMO TERIA SIDO SE FOSSE DIFERENTE? A (TRANS) FORMAÇÃO DE
MENINO SURDO EM PROFESSOR**

Texto apresentado como requisito para defesa no
Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em
Ensino e Formação Docente do Programa Associado de
Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sinara Mota Neves de Almeida (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Dra. Kaline Araujo Mendes de Souza (Coorientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Dra. Marla Vieira Moreira de Oliveira

Universidade Regional do Cariri (URCA)

Prof. Dr. Igor de Moraes Paim

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Prof. Dr. Antônio Gilvamberto Freitas Félix

Secretaria Estadual de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

Dedico este trabalho à minha esposa Karine e ao meu filho Gustavo, fontes da minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que sempre primaram pela minha educação enfrentando todos os obstáculos incondicionalmente, é irrefutável o grande apoio que minha mãe me deu todos os dias.

À minha esposa, que está ao meu lado cuidando dos detalhes da nossa vida, incluindo a minha formação acadêmica, com edições de vídeos, desenhos, produções sinalizadas e outros inúmeros pontos.

Não posso deixar de agradecer a grande incentivadora, Profa. Dra. Sinara Mota, que aceitou o desafio de orientar-me, criando pontes de estratégias para nos comunicarmos, um percurso trilhado que proporcionou crescimento mútuo, pois a minha tão valiosa orientadora sabe, razoavelmente, se comunicar em Libras comigo.

Agradeço também aos professores participantes da banca examinadora Profa. Dra. Kaline Mendes, Profa. Dra. Marla Oliveira, Prof. Dr. Gilvamberto Freitas e Prof. Dr. Igor Paim pelo tempo e valiosas colaborações.

Nas aulas, tive a grande oportunidade de conhecer colegas amistosos, que compartilharam seus saberes e reflexões, críticas e sugestões, e somaram em meu aprendizado, estendo meus agradecimentos a vocês da 1ª turma do PPGEF UNILAB-IFCE.

Agradeço ainda às Tradutoras Intérpretes de Libras e amigas, Natália Diniz e Janai Erika, as quais tive o privilégio de conhecer na UFCG e, desde então, mantivemos amizade. São pessoas que lutam pela causa do surdo.

Gratidão, Francisca Barreto. Com seu conhecimento na área da inclusão, tem me dado apoio com minha segunda língua, o português.

Agradeço a todos os colegas da UFCG que marcaram minha vida de forma positiva, professora Adriana Moreira de Souza Corrêa que, por várias vezes, auxiliou-me a organizar palestra e orientações de TCC.

Agradeço às professoras Erlane Aguiar F. de Freitas, Fátima Maria Elias Ramos, Hérica Paiva Pereira, Rose Maria Leite De Oliveira, Maria Nazareth de Lima Arrais, Lígia Regina C. de Medeiros e aos Professores Marcílio Garcia de Queiroga, Elri Bandeira de Sousa, Abdoral Inácio da Silva e José Wanderley A. de Sousa, maravilhosos e especiais. Devo agradecimentos também ao Professor Antônio Fernandes Filho, atualmente reitor da UFCG, que me acolheu e estava sempre pronto para me atender.

Meus sinceros agradecimentos aos amigos surdos, que por momentos de desabafo e conversas estavam com sua atenção prestada a mim, por isso a relevância da associação de surdos estar sempre ativa.

E ao Fábio Luiz, esposo da professora Vanessa Teixeira, pessoas maravilhosas, que me apoiam para além de minhas dúvidas, no que diz respeito aos trabalhos acadêmicos.

Lamento Oculto de um Surdo

“Quantas vezes eu pedi uma Escola de Surdo e você achou melhor uma escola de ouvinte. Várias vezes eu sinalizei as minhas necessidades e você as ignorou, colocando as suas ideias no lugar. Quantas vezes eu levantei a mão para expor minhas ideias e você não viu. Só prevaleceram os seus objetivos ou você tentava me influenciar com a história de que a Lei agora é essa... e que a Escola de Surdo não pode existir por estar no momento da "Inclusão". Eu fiquei esperando mais uma vez... em meu pensamento...Ser Surdo de Direito é ser "ouvido"... é quando levanto a minha mão e você me permite mostrar o melhor caminho dentro de minhas necessidades. Se você, Ouvinte, me representa, leve os meus ensejos e as minhas solicitações como eu almejo e não que você pensa como deve ser. No meu direito de escolha, pulsa dentro de mim: Vida, Língua, Educação, Cultura e um Direito de ser surdo. Entenda somente isso!” (SHIRLEY VILHALVA, 2004).

RESUMO

O presente trabalho apresenta a história de vida e formação de um professor surdo, discente do Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. Na perspectiva de valorizar a cultura surda, seus sujeitos, suas histórias de vida e lutas, traçamos como objetivo geral compreender a constituição da identidade de um professor surdo, a partir das narrativas e dos processos formativos vivenciados ao longo de sua vida. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa com método (auto) biográfico, em que o sujeito (auto) narra seu processo de formação. O estudo apresenta a (trans)formação de um menino surdo em professor, a fim de dar oportunidade de vez e voz para que revele suas vivências, dificuldades, possibilidades, vitórias, seus aprendizados, além de valorizar a cultura e a identidade surda.

Palavras-chave: professor surdo; autobiografia; identidade.

ABSTRACT

The present work presents the life history and formation of a deaf teacher, student of the Master's Degree in Teaching and Teacher Training, of the Associate Graduate Program in Teaching and Teacher Training at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia – UNILAB and of the Ceará Federal Institute of Education, Science and Technology – IFCE. From the perspective of valuing deaf culture, its subjects, their life stories and struggles, we outline as a general objective to understand the constitution of the identity of a deaf teacher, based on narratives and training processes experienced throughout their lives. The research has a qualitative approach with a (self) biographical method, in which the subject (self) narrates his training process. The study presents the (trans)formation of a deaf boy into a teacher, in order to give him a chance to speak and reveal his experiences, difficulties, possibilities, victories, his learnings, in addition to valuing deaf culture and identity.

Keywords: deaf professor; autobiography; identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|----------|---|
| Figura 1 | Esquema do percurso investigativo |
| Quadro 1 | Quantitativo de pesquisas por Base de Dados na Etapa de Seleção |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|---------|---|
| AEE | Atendimento Educacional Especializado |
| BDTD | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CREAD | Centro de Educação à Distância |
| ERIC | Centro de Informações sobre Recursos Educacionais |
| FENEIS | Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos |
| IESP | Instituto Educacional São Paulo |
| IFCE | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará |
| INES | Instituto Nacional de Educação de Surdos |
| LIBRAS | Língua Brasileira de Sinais |
| REDALYC | Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal |
| SciELO | Brasil Scientific Electronic Library Online |
| UFCG | Universidade Federal de Campina Grande |
| UNILAB | Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. METODOLOGIA..... | 15 |
| 3. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL..... | 19 |
| 3.1 NARRATIVA HISTÓRICA SOBRE A SURDEZ NO BRASIL | 19 |
| 3.2 AS POLÍTICAS DE INCLUSÃO PARA SURDOS PÓS CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988..... | 27 |
| 4. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO DE SURDOS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS | 31 |
| 5. A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR SURDO: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS SOBRE DEFICIÊNCIAS AUDITIVA OU SURDEZ E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS | 36 |
| 5.1 SOBRE MINHA TRAJETÓRIA DE SUJEITO SURDO..... | 36 |
| 6. O ESTADO DA ARTE: O QUE DIZEM AS PESQUISAS..... | 42 |
| 6.1 MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES | 42 |
| 7. O PRODUTO EDUCACIONAL..... | 50 |
| 7.1 “NÃO CHORE, SEU FILHO AINDA VAI LHE DAR MUITO ORGULHO”: MEMÓRIAS DE UMA MÃE | 51 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 57 |
| REFERÊNCIAS | 58 |
| APÊNDICES | 62 |
| ANEXOS | 65 |

1. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho tem como eixo principal falar sobre a trajetória formativa de um menino surdo que se tornou professor. A pretensão é apresentar um pouco sobre a minha história de vida, desde o nascimento até a vida adulta, além de contar como foi que a minha família descobriu a minha surdez e como lidaram com isso, o meu contato com a Libras e a minha formação inicial na educação básica e superior, assim como da minha socialização com outras pessoas ouvintes e surdas. Tudo isso, através da pesquisa (auto)biográfica, que é um método utilizado para fazer uma arguição ou análise de sua própria história de vida, enquanto sujeito atuante e pertencente a uma determinada identidade social e cultural.

Podemos entender que a pesquisa autobiográfica é uma descrição narrativa sobre a trajetória de vida da própria pessoa, que detalha e descreve acontecimentos nos quais o autor é o próprio protagonista. Como sujeito surdo, produzir uma narrativa por meio da escrita e organização de um produto educacional - vídeo documentário, sobre a minha história de vida é bastante desafiador, pois está posta a incumbência de trazer relatos extremamente delicados acerca da minha trajetória, além de fatos que contribuíram significativamente para o meu crescimento pessoal e profissional.

Neste sentido, relatar sobre a cultura e identidade surda em que estive intrínseco toda a minha vida é contar de forma o mais natural possível sobre as histórias sofridas por pessoas que também nasceram com surdez em outras épocas. Quando paramos para pensar o passado historicamente relatado, não está muito distante do presente mencionado, nesta parte introdutória do trabalho. Digo isso, porque sofri também com algumas pessoas duvidando da minha capacidade e competência, então, ser julgado em razão da condição de surdo é muito doloroso. Por isso, justifico que a pessoa surda, muitas vezes, se depara com o estereótipo de incapacitado, como ser incompleto e deficiente, trazendo a evidência que o sujeito surdo não estava de acordo com o padrão da sociedade.

O produto, vídeo documentário, foi por nós escolhido para apresentar a descrição narrativa da pesquisa (auto)biográfica. Nele, são mostrados detalhes sobre a minha trajetória. Esperamos que, no futuro, o conteúdo do trabalho possa servir de inspiração para o público surdo lutar ainda mais por mudanças de forma igualitária.

Logo, este trabalho dissertativo surgiu pelo interesse em relatar um pouco sobre a minha vida enquanto sujeito surdo, ressaltando a sorte de ter nascido em uma boa família, que

lutou por mim desde o descobrimento da minha condição de um bebê surdo, como fazem até os dias de hoje. Por isso, a justificativa é baseada em relatar a historicidade da minha trajetória de vida, abordando fatos e acontecimentos que ocorreram e contribuíram para minha formação acadêmica. Atualmente faço parte do quadro efetivo dos professores do Instituto Federal do Ceará - IFCE, o que no meu ponto de vista é um ganho positivo, tanto no pessoal quanto no profissional, por ser uma realização de um sonho.

Assim, o problema da pesquisa consiste em focar na temática sobre o meu processo inclusivo e formativo na educação básica e superior, tendo como ideia principal uma narrativa histórica descritiva sobre a minha vida, do nascimento até o momento atual, através de vídeo documentário, entrevistas com pessoas que passaram na vida pessoal e profissional, e nas contribuições que esse trabalho de conclusão do mestrado pode contribuir para melhorar o trabalho no acompanhamento e atendimento de pessoas surdas em suas respectivas atividades profissionais e pessoais.

No que se refere aos objetivos, o objetivo geral da pesquisa é compreender a constituição da identidade de um professor surdo, a partir das narrativas e dos processos formativos vivenciados ao longo de sua vida. Para tanto, os objetivos específicos são: 1) compreender a importância da construção dessa identidade, no tocante à educação informal e formal; 2) refletir acerca das discussões do ensino do aluno surdo nos anos iniciais e na educação superior; e, 3) investigar sobre as dificuldades enfrentadas ao longo desses anos, na vida pessoal e profissional do sujeito surdo.

A presente dissertação está organizada em seis seções. A primeira corresponde à introdução, na qual tratamos do tema da pesquisa e dos objetos de estudo do trabalho. Na segunda seção, apresentamos a metodologia do trabalho, na qual realizamos uma contextualização sobre a pesquisa (auto)biográfica e os trabalhos de pesquisadores da área.

Na terceira seção discorreremos sobre a história da educação dos surdos no Brasil, citando as leis, no tocantes à educação de surdos, implementadas ao longo desse percurso histórico no Brasil, com destaque para seus avanços e desafios.

A formação de professores é tematizada na quarta seção. Nela, registramos nossas reflexões acerca dessa formação, dos desafios encontrados ao longo da caminhada e as possibilidades existentes no percurso. Já na quinta seção, destacamos a formação de um professor surdo: narrativas autobiográficas sobre deficiência auditiva e a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

O estado da arte com todo o levantamento bibliográfico sobre a temática em tela é discutido na sexta seção. Ao passo que o produto educacional – vídeo documentário é apresentado na sétima seção. E, em seguida, as considerações finais como última seção.

2. METODOLOGIA

A presente dissertação caracteriza-se como uma pesquisa pautada na abordagem qualitativa, dado que seu objetivo está centrado no aprofundamento da compreensão do percurso formativo de seu autor e das experiências por ele vividas como aluno com surdez no curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente UNILAB - IFCE. Em geral, opta-se por esse tipo de abordagem quando o objetivo é entender e compreender a causa, o porquê de determinados comportamentos.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com um mundo de significados, motivos, valores, atitudes etc., o que “[...] corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 22). Concentra-se em um modo subjetivo de resolução de problemas que não podem ser apresentados estatisticamente por meio de tabulações etc., e uma de suas grandes vantagens é considerar aprendizagens, sentimentos, atitudes, opiniões, experiências, o que resulta na valorização de aspectos emocionais, sociais e intelectuais dos sujeitos.

Tendo em vista a abordagem qualitativa, neste estudo, a opção foi trabalhar com método denominado como pesquisa (auto)biográfica. Trata-se de um método que nos permite investigar qualitativamente, a partir de narrativas autobiográficas, o modo como o sujeito faz a sua leitura de mundo. Esse método possibilita-nos compreender e entender nossos sentimentos, experiências, interações e percepções no contexto em que estamos inseridos.

Desenvolver uma pesquisa em contexto autobiográfico impõe ao pesquisador o desafio de saber se colocar na zona de fronteiras, pois este, é o tipo de pesquisa fronteira, em que se é o próprio e principal objeto de pesquisa, na qual seus “materiais” são memórias e vivências. Esse tipo de esforço exige do pesquisador releituras detalhadas da história de vida e, moralmente, cobra do indivíduo que saia da cena de personalidade para se engajar no perfil de investigador da própria história, de modo mais neutro possível e em constante contraposto.

Esse distanciamento é necessário para que o pesquisador realize releituras sobre “ser surdo”, paralelamente ao meio social que tanto o influenciou na formação enquanto surdo e docente. Convém salientar que essa formação deve ser compreendida detalhadamente, destacando-se como o sujeito a obteve mediante as circunstâncias vividas ao longo de sua

existência. Conforme expõe Passeggi (2016), esse modo de operar torna-se vital para que o trabalho se solidifique na ciência.

A pesquisa (auto)biográfica consiste, portanto, em um estudo do sujeito na sua singularidade e, ao mesmo tempo, nas suas relações com o mundo exterior. Trata-se de narrativas reflexivas sobre representações de “ser surdo” na história e na cultura. Adotar esse tipo de método é voltar-se ao processo de construção, temporalidade, experiências e conhecimentos, sem desconsiderar a ciência humana.

De acordo com Leonel e Segatto (2013):

Na autobiografia, todas as experiências provêm do que foi “plenamente vivido”. Considera-se, portanto, que, a diferença entre a autobiografia convencional ou de ficção está, especialmente, entre o autor viver e experimentar o que relata (LEONEL; SEGATTO, 2013, p.).

Ao escrever uma autobiografia, o sujeito se despe, mostrando sua trajetória de vida marcada por lutas e dificuldades, ao mesmo tempo em que abre vertentes para que outros sujeitos surdos se engajem militantemente na luta pela disseminação da língua de sinais e pelo fortalecimento da comunidade surda. A escrita de si traz, em sua essência, características autobiográficas e é fortemente marcada pelas memórias:

[...] que buscam retratar a reestruturação de acontecimentos relacionados à vida do memorialista, demonstrando aspectos inerentes ao contexto em que as ações foram vividas e contadas, por isso o “flagrante social”, além de ter como objetivo prestar um serviço aos leitores vindouros (SOUSA, 2016, p. 53).

As narrativas são um percurso que o ser humano trilha para encontrar o outro, é um ato de afetar e ser afetado pelos relatos acerca do movimento identitário. Além disso, o pesquisador deve constantemente recobrar sua autoridade no que diz respeito a contar histórias com absorções às experiências do outro.

Sendo assim, o processo metodológico pelo qual optamos possibilita a exposição sobre a vida com suas singularidades e subjetividades no que concerne ao sujeito-objeto e aos lugares de reconhecimento que se formam em que o narrador se perceba como construtor de um sentimento de si próprio.

Passeggi (2010) destaca que:

[...] a reflexividade autobiográfica é mediadora da consciência histórica das aprendizagens e promotora de inflexões enriquecedoras para o sujeito no mundo da vida. Quero crer que compete a cada um debruçar-se sobre sua historicidade para compreender como vão acontecendo os processos de transformação permanente: os das representações de si e do outro, e os das representações das coisas nas paisagens e o das paisagens sobre as coisas (PASSEGGI, 2010, p. 126).

Dessa forma, a escolha do método se deu pela possibilidade de realizar um diálogo significativo, uma análise e uma discussão acerca da formação de professores surdos, a partir da minha trajetória de formação até o ensino superior.

A análise dos dados é realizada a partir de orientações e sistematização de um protocolo de registro nos seguintes passos: 1) descrição dos dados a partir dos documentos analisados; 2) entrevistas; leitura e identificação de similaridades, divergências e contradições.

Conforme Ventura e Cruz (2019):

[...] o fenômeno a ser investigado é a vida das pessoas, que se expressa na forma de narrativas de vida e (auto)biografias. E no afã de captar toda a complexidade possível do fenômeno narrativo, o sujeito pesquisador se põe a coletar dados, lançando mão dos recursos mais variados, a fim de capturar a multiplicidade comunicativa deste ser que se expressa e dialoga. Feito isso, constrói novas narrativas acerca das experiências que lhe foram transmitidas (VENTURA; CRUZ, 2019, p. 432).

Logo, a funcionalidade e a significação terão seus formatos como parte do trabalho, tornando-se uma ação reflexiva da formação e da prática docente, cujas categorizações culminarão no videodocumentário, o qual, entendemos, será algo enriquecedor para a comunidade surda. A utilização de imagens em vídeo coopera com a narrativa escrita, possibilitando fortemente aproximação real das experiências percorridas como surdo e professor, em razão da escrita do português – idioma cujo estatuto é de segunda língua para os surdos - não ser capaz de transmitir, muitas vezes, as emoções e a dinâmica que um vídeo possibilita a esse grupo.

Desta forma, o trabalho mostra aos surdos a importância da língua de sinais e favorece a todos aqueles que lerem e assistirem ao videodocumentário, posto que muitos dos que compõem essa minoria linguística tiveram sua própria voz, por longo tempo, silenciada em um mundo composto majoritariamente por ouvintes.

3. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

A presente seção tem por objetivo apresentar uma breve narrativa histórica sobre a surdez no Brasil. O intuito nessas linhas não é descrever minuciosamente a trajetória da surdez no país, mas o de levar em consideração alguns avanços, mesmo que a passos lentos, em relação à evolução histórica que foi sendo implantada ao longo dos anos e que contribuiu para a educação inicial das pessoas surdas.

3.1 NARRATIVA HISTÓRICA SOBRE A SURDEZ NO BRASIL

Até o ano de 1500 não existia educação formal no Brasil, e mesmo com a entrada dos portugueses no país, ainda perdurou, por vários anos, a desorganização instrucional. Foi em meados de 1548, com a chegada da Companhia de Jesus, que tinha a frente o padre Inácio de Loyola, que se iniciou, em terras brasileiras, um processo de organização educacional, tendo sido os jesuítas os responsáveis por essa estruturação.

Segundo Almeida (2014):

Inicialmente, os objetivos da Companhia Jesuítica fundamentavam-se em catequizar a partir do catecismo brasílico, constituído pelos sete sacramentos, os dez mandamentos, orações do Pai-Nosso e Ave-Maria e dos pecados veniais e mortais; e educar os índios, ensinando as primeiras letras (em português e tupi), como também a propagação da concepção de mundo da civilização ocidental cristã (ALMEIDA, 2014, p. 119).

Na época, a Europa já estava passando por uma revolução de ordem religiosa chamada de protestantismo. Nesse sentido, era de interesse dos jesuítas formar uma nova ordem religiosa no Brasil por meio da educação. Os jesuítas, por sua vez, tinham um método criado por eles e denominado *Rattio Studiorum*¹. De acordo com Mori e Sander (2015), o manual, escrito entre os anos de 1551 e 1559:

¹ No final daquele século, em 1599, foi publicado por um padre italiano o *Ratio Studiorum*, que viria a ser o manual educativo “oficial” dos jesuítas, adotado em todos os seus colégios. Disponível em <https://cfvila.com.br/blog/2019/08/23/um-pouco-de-historia-da-docencia-no-brasil-ratio-studiorum/>. Acesso em 23 fev. 2021.

[...] apresenta uma coletânea de metodologias, instruções pedagógicas e informações, cuja finalidade era de organizar, unificar e planejar os estudos da Companhia de Jesus, para os jesuítas docentes. Os jesuítas pretendiam salvar as pessoas onde tinham suas instituições tinha alcance mundo afora, conforme o texto da *Rattio*. Os soldados de Jesus, como eram denominados, objetivavam inclusive retomar a cidade de Jerusalém, em nome da religião (MORI; SANDER, 2015, p. 04).

Com a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil pelo Marquês de Pombal, por volta do ano de 1758, o método dos jesuítas, o *Rattio Studiorum*, passou a não ser mais aplicado no sistema de ensino ofertado pela coroa no Brasil colônia. Desse período em diante, perduraram durante anos, outras tentativas de escolarização brasileira. No entanto, a educação só passou, de fato, a ser pensada com a vinda da família real para o país, em 1808.

Nessa trajetória dos avanços no cenário educacional brasileiro, é interessante lembrar os primeiros modelos de educação para o primário: as Escolas Normais.

As escolas normais existem no Brasil desde o século XIX. A primeira delas foi criada em 1830, em Niterói, sendo pioneira na América Latina e, de caráter público, a primeira de todo o continente, já que nos Estados Unidos as que então existiam eram escolas particulares. Pelo menos uma dezena dessas escolas foi criada até 1881 (ROMANELLI, 2010, p. 167).

Além dessas, destacou-se a criação do *Pedagogium*, em 1890, segundo a autora, de curta duração que deveria ter funcionado como centro de pesquisas educacionais e museu pedagógico. As primeiras escolas normais existentes no Brasil tinham a função de preparar professores para ensinar as primeiras letras nas escolas e em grupos escolares que havia na época. Nesse período, nem sequer se pensava em uma educação voltada para as pessoas das classes mais pobres do país, e menos ainda para as pessoas surdas. Stock (2015) relata que:

A história dos surdos no Brasil é marcada por muitos sofrimentos, mudanças e conflitos. Apesar de ter poucos registros que comprovem relatos da história dos surdos, sabe-se que na Antiguidade, eram considerados ora como deuses, ora como pessoas diabólicas que precisavam ser punidas por não falarem oralmente. Além disso, eram denominadas pessoas incapazes, não humanas. Não eram incluídos entre os cidadãos, não lhes era permitido casar e ter herança na família, muito menos tinham direito à educação (STOCK, 2015, p. 5).

Nos anos de 1822 a 1889, período Imperial no Brasil, houve grandes avanços em relação à educação brasileira para a elite. Nessa trajetória histórica, ocorreram os primeiros modelos de educação voltados para surdos. O primeiro foi pensado por um ouvinte, o Imperador que tinha interesse pessoal, pois sua irmã, a princesa Isabel, tinha um filho surdo e o marido não ouvia muito bem.

Dessa forma, a pedido do Imperador do Brasil, Dom Pedro II, um professor francês chamado Eduard Huet, que também era surdo, chegou ao Rio de Janeiro no ano de 1855. No dia 26 de setembro de 1857, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos foi fundado por Huet. Atualmente a instituição leva o nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. Sobre a criação e Fundação do INES, Mori e Sander (2015) apontam que:

[...] quando a Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, denominou-o ‘Imperial Instituto de Surdos-Mudos’ (...), o artigo 19 do Decreto nº 6.892 de 19-03-1908, mandava considerar-se o dia 26 de setembro como a data de fundação do Instituto, o que foi ratificado pelos posteriores regulamentos, todos eles aprovados por decretos. Inclusive o Regimento de 1949, baixado pelo Decreto nº 26.974, de 28-7-49 e o atual, aprovado pelo Decreto nº 38.738, de 30-1-56, (publ. No D.º de 31-1-56), referindo à denominação de ‘Instituto Nacional de Surdos-Mudos’ (...) Tal instituição viu seu nome modificado recentemente pela Lei nº 3.198, de 6-7-57 (publ. No D.º de 8-7-57), para ‘Instituto Nacional de Educação de Surdos’ [...] (MORI; SANDER, 2015, p. 9).

A citação acima explica um pouco sobre o INES, as mudanças ocorridas mediante a criação de leis, decretos e regulamentos, datando o período de criação e fundação.

Ainda sobre a educação de surdos, segundo Stock (2015, p. 6), “Huet utiliza, na educação dos surdos no Instituto, a linguagem escrita, o alfabeto manual e a língua de sinais Francesa, misturando-a com a Língua de Sinais utilizada pelos surdos brasileiros. Em 1861, deixa o Instituto”. Esse instituto servia como uma espécie de asilo somente para meninos surdos.

Em termos de funcionalidade para a educação dos surdos, havia modalidade de curso que, segundo Carvalho e Nóbrega (2015):

(...) tinha a duração de seis anos e era oferecido a alunos dos dois sexos, na idade de sete a dezesseis anos. A disciplina "Leitura sobre os Lábios" estaria voltada apenas para os que apresentassem aptidões a desenvolver a linguagem oral. Havia uma seleção e, conseqüentemente, trabalho diferenciado para os que não tivessem condições de ser oralizados (CARVALHO; NÓBREGA, 2015, p. 3).

No que diz respeito a educação dos surdos no Brasil, a história discorre que, nos anos que sucederam, houve avanços e retrocessos, a exemplo da criação, em 1873, do Instituto Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos. Esse instituto foi concebido por Flausino José da Gama, aluno do instituto. O material era uma espécie de dicionário para surdos (STOCK, 2015). Por outro lado, o instituto já vinha passando por um declínio em relação a sua existência. Além disso, a sua autonomia, que costumava ser baixa, quase já não existia mais.

O Estado passou a interferir muito nos métodos de educação do instituto. Nesse mesmo período, iniciaram-se vários movimentos de luta para que a educação dos surdos passasse a ser oralista, para que, assim, eles pudessem começar a falar. Carvalho e Nóbrega (2015, p. 3-4) ressaltam que [...] “os surdos deveriam aprender a Língua Francesa, independentemente de qual identidade o surdo se assemelhava”. Ou seja, o surdo brasileiro que frequentava o instituto devia aprender a falar Francês e não o Português, ou qualquer outra língua materna com a qual a pessoa surda tivesse relação.

Um dos retrocessos em relação à educação dos surdos no Brasil e no mundo foi o congresso de 1880, realizado em Milão, na Itália, no qual participaram 182 pessoas. A história relata que, em sua maioria, os participantes eram quase todos ouvintes, oriundos dos seguintes países: Inglaterra, Itália, Suécia, Rússia, Canadá, Estados Unidos, Bélgica, França e Alemanha. No evento, foram discutidos assuntos pertinentes à educação dos surdos e ao método de ensino que estava sendo aplicado aos surdos, como discorre Stock (2015):

No Congresso é questionada a melhor educação para os surdos: o Oralismo ou a Língua de Sinais. Na hora da votação, na assembleia geral, os professores surdos não têm o direito de votar, são negados e excluídos. 164 votantes ouvintes posicionam-se a favor do oralismo puro e somente 5, dos Estados Unidos, são a favor da Língua de Sinais. O método oralista puro vence. Nos Estados Unidos a Língua de Sinais persiste, mas na Europa, vários países optam pelo ensino do Oralismo puro nas escolas. Com isso, muitos professores surdos são demitidos, ficando somente os professores ouvintes (STOCK, 2015, p. 7).

Como os professores surdos foram excluídos da votação e o método oralista venceu, a educação dos surdos que, apesar de a passos lentos, vinha caminhando, sofreu prejuízo. O ocorrido no congresso de Milão deixou perplexos muitos educadores e simpatizantes, que eram favoráveis à educação gestual para a pessoa com surdez, ou seja, por meio da língua de sinais.

De um modo geral, com essa situação ocorrida no congresso em 1880, muitos surdos passaram a ser excluídos de seus processos educativos e, conseqüentemente, do mercado de

trabalho, voltando a serem vistos como deficientes que serviam para serem objetos de pesquisas para a Medicina, pois na época a surdez era vista como uma “anormalidade”, um defeito biológico no desenvolvimento do ser humano. Sendo assim, com o intuito da busca pela cura, a educação dos surdos, uma educação oralista, passou a ser encarada como médico-clínica. Em decorrência disso, as escolas, as salas de aulas tornaram-se espaços de segregação para os excluídos em tratamentos para se obter a cura para a surdez. No Brasil, nos anos posteriores ao evento ocorrido em Milão, até meados de 1889, conforme Mori e Sander (2015), observa-se o seguinte cenário:

[...] no Brasil, os anos de 1888 quando é assinada a Lei Áurea – da libertação dos escravos, e em 1889 quando é constituída a República no país, os surdos em sua educação passam a ser escravizados diante dos ditames do oralismo, sendo-lhes muitas vezes, atadas suas mãos para se comunicarem visualmente, obrigando a se manifestarem através da oralidade. Vemos dissonante estes dois lados, de um a liberdade, democracia e a evolução política e social do Brasil, de outro a escravidão, a ditadura e o retrocesso na educação de surdos (MORI; SANDER, 2015, p.7).

Muitos surdos relatam terem vivenciado alguns modelos de ensino, em certas escolas da atualidade, que se assemelhava a esse método de educação oralista, implantado nas escolas de antigamente, tendo em sua base curricular a comunicação verbal entre surdos e ouvintes como a forma correta de ensino e de aprendizagem para surdos. É válido sublinhar que a língua gestual foi, durante expressivo tempo, um símbolo de represália e castigo.

As primeiras escolas criadas diretamente ligadas à educação dos surdos no Brasil foi iniciativa de pais de crianças surdas. Em 1929, na cidade de São Paulo, fundou-se o Instituto Santa Terezinha e, em 1954, também em São Paulo, o Instituto Educacional São Paulo – IESP. Vale ressaltar que o INES, na época, era o único Instituto Federal, de acordo com Choi et al. (2011). Nos anos de 1930 a 1960, o Brasil passa por grandes transformações no processo de organização da educação nacional que transcorrem conforme as mudanças no cenário político brasileiro.

O Manifesto da Educação Nova, em 1932, foi um dos símbolos de luta por grandes transformações em prol da melhoria e da qualidade do ensino no país. O ponto principal da discussão era pensar um modelo de educação nacional. Acreditava-se que, havendo melhorias no método de ensino, o aluno seria mais participativo e ativo em seu processo de aprendizagem, tornando-se um sujeito responsável pela construção do seu próprio conhecimento, sendo conduzindo a desenvolver um pensamento mais reflexivo, autônomo,

crítico e democrático. Nas palavras de Mori e Sander (2015, p. 10), “O manifesto reivindicava uma visão democrática e cidadã, de valores eternos como a honestidade, a verdade, o respeito, a responsabilidade”.

Dessa forma, os anos de 1950 significaram uma grande evolução no tocante ao ensino para surdos, como também foi um período em que aconteceram grandes mudanças no sistema de ensino público brasileiro. A esse respeito, Rodrigues, Gontijo e Drago (2020) afirmam:

A década de 1950 foi fundamental para a descentralização na educação de surdos. Juntamente ao projeto de modernização do Brasil, implementado pelo Governo Federal, com o objetivo de alfabetizar o surdo, o INES empreendeu um grande esforço com vistas a formação de professores para atuar nos Estados brasileiros. Duas ações, a Campanha para Educação do Surdo Brasileiro e o Curso Normal para Professores de Surdos, foram fundamentais para inserir a pessoa surda na vida econômica e social do país (RODRIGUES, GONTIJO; DRAGO, 2020, p. 145).

Assim, o ensino no INES teve um grande salto nesse período, tornando-se um considerável elemento na organização do sistema educacional, sendo um fator importante no desenvolvimento do país, pois parcela considerável das pessoas surdas que se formavam no Instituto passou a entrar no mercado de trabalho e a contribuir para a economia do país. Apesar de a língua de sinais ter sido banida no mundo, e, no caso da educação dos surdos no Brasil, no ano de 1911, o oralismo puro haver sido implantado nas disciplinas ministradas no INES, de acordo com Stock (2015):

[...] o INES utiliza a língua de sinais como língua de instrução até 1957, quando Rímola de Faria Doria, juntamente com a sua assessora Alpia Couto, proíbe a língua de sinais, oficialmente, na sala de aula. No método oralista, a Língua de Sinais é totalmente banida, por considerar-se que atrapalha o ensino da comunicação oral e da leitura labial (STOCK, 2015, p. 7).

Exatamente no ano de 1957, Ana Rímola de Faria Doria torna-se a primeira mulher a assumir a direção do Instituto de Educação de Surdos, e logo de início ela proíbe a Língua de sinais. Para Rodrigues, Gontijo e Drago (2020, p. 145), “Os estudos evidenciaram que a principal preocupação de Ana Rímola era ensinar as crianças surdas a falar, pois, sem essa capacidade, não haveria a comunicação e, conseqüentemente, a criança surda teria dificuldades em se desenvolver de forma saudável e segura.”

Mais uma vez, percebemos que as pessoas, mesmo sabendo e entendendo sobre a correta metodologia de educação e ensino para as pessoas surdas, quiseram impor suas

vontades aos surdos, certas de que, de fato, sabiam o que era melhor para surdos, como foi o caso da professora Ana Doria. Embora, há vários anos trabalhando nesse seguimento de educação para surdos, entendia que os surdos deveriam ter um desenvolvimento educacional, claro que imposto pela sociedade, igual ao das demais pessoas.

Vimos que a educação oral imposta pela sociedade foi considerada, por muito tempo, a forma correta de comunicação entre os surdos. Ainda no tocante a essa população, na história relatada por muitos, no entanto, as décadas de 1960 e 1970, são consideradas como um período ditatorial, um dos piores momentos em relação à educação, economia, saúde, lazer, entre outros.

É importante ressaltar que, no Brasil ditatorial, as pessoas não podiam se manifestar em busca de seus direitos, muitas foram presas, torturadas e exiladas, inclusive educadores brasileiros, cantores e a imprensa, que não podiam fazer nada que representasse agravo aos militares.

Ao longo dos anos, a educação dos surdos vem sofrendo alterações em relação a sua organização, propondo uma nova visão para muitos educadores, assim como mudando o pensamento de muitos professores sobre a metodologia de ensino oralista não ser o melhor método de ensino para o desenvolvimento na capacidade de comunicação das pessoas surdas. Essas mudanças favoreceram a compreensão de que essa metodologia de ensino estava ultrapassada, o que a levou ao seu fracasso.

Desse modo, depois de quase 100 anos de proibição do uso da língua de sinais, a sua volta se dá de forma gradativa, sendo disseminada por vários países. Isso cria cenário para que passem a ser aplicadas duas metodologias de ensino dirigidas ao público surdo: a comunicação oral total e a língua de sinais. Mesmo assim, no dizer de Stock (2015):

Esse método misto é muito criticado por vários autores que alegam problemas com a mistura de duas línguas a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa porque fica, assim, o Português sinalizado, denominado também de Bimodalismo. Na visão desses autores o método é inadequado visto que a Língua de Sinais tem gramática própria (STOCK, 2015, p. 8).

No caso do Brasil, nas décadas de 1980 e 1990, os alunos surdos que estudavam no INES no Rio de Janeiro, eram oriundos de várias regiões e sempre praticavam, às escondidas, a língua de sinais. Quando voltavam para suas respectivas casas, continuavam falando em línguas de sinais. Assim, na maioria do território nacional brasileiro, a Libras já estava difundida, sendo praticada e gesticulada por surdos e ouvintes. Diniz (2010) ressalta que:

Por volta de década de 1980, retornou o foco da importância da Libras no ensino graças a pesquisas linguísticas e pedagógicas. Na década de 1990, em função da necessidade de melhorar a qualidade do ensino na sala de aula do INES, surgiu a profissão de monitor surdo para ser mediador na transmissão e no processo de ensino-aprendizagem entre professor ouvinte e alunos surdos (DINIZ, 2010, p. 22).

A LIBRAS como a primeira língua da comunidade surda também tem suas metodologias de ensino estudadas. Na literatura, o método entendido como o mais adequado da abordagem comunicativa é a linguagem focal, que pode propiciar um melhor processo de ensino-aprendizagem na língua de sinais. Stock (2015) esclarece que:

A Libras é a língua natural da comunidade Surda brasileira, considerada como um povo com uma cultura e língua própria que ainda sofre opressão da sociedade majoritária que impõe um padrão. A Libras é considerada pela FENEIS a língua materna dos surdos e é amplamente divulgada na sociedade e nas instituições de ensino. Foram anos de luta para conseguir legalizá-la como segunda língua oficial no Brasil (STOCK, 2015, p. 9).

O Brasil, como uma grande nação, traz em sua diversidade cultural vários povos que falam outras línguas, conforme destaca Oliveira (2009):

Para compreendermos a questão é preciso trazer alguns dados: no Brasil de hoje são falados por volta de 215 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas (chamadas de *autóctones*), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas *alóctones*). Some-se a estas ainda as línguas de sinais, com destaque para LIBRAS, língua brasileira de sinais, e para línguas afro-brasileiras ainda usadas nos quase mil quilombos oficialmente reconhecidos no Brasil. Somos, portanto, um país de muitas línguas, plurilíngue (OLIVEIRA, 2009, p. 20).

Em relação ao contexto sociolinguístico brasileiro, a história deixa clara a quantidade de pessoas brasileiras que dominam um idioma diferente do Português. No caso da língua de sinais, não seria diferente. Existem povos indígenas que vivem em reservas de aldeias indígenas que falam a língua de sinais urubu-Kappor Libras, por exemplo² (CRISTIANO, 2018). E essa não deixa de ser uma forma de comunicação nativa entre os povos Tupi-guarani, que tem essa forma de comunicação como sua primeira língua materna.

Ressalta-se que, nos últimos anos, no Brasil, houve grandes mudanças no processo de inclusão das pessoas surdas nas escolas regulares. Em 1987, foi criada a Federação Nacional

2 <https://www.libras.com.br/urubu-kaapor>.

de Educação e Integração dos Surdos, a FENEIS³, que intensificou a luta pela implantação e melhoria da Libras na educação dos surdos nas escolas regulares de ensino no país.

3.2 AS POLÍTICAS DE INCLUSÃO PARA SURDOS PÓS CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

No período entre 1980 e 1990, o Brasil transitou por transformações no sistema político, abandonando uma era de regime totalitário, rumo a uma política partidária de redemocratização nacional. Vale destacar, no entanto, que nesse período uma grande crise econômica mundial atinge vários países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, inclusive o Brasil, influenciando significativamente as políticas educacionais.

A Constituição Federal de 1988 (CF/1988) trouxe em seus artigos várias mudanças no tocante à educação e, em especial, à educação dos surdos. No artigo 205 da CF, lê-se que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

Ao tratar do desenvolvimento pleno da pessoa, consideram-se também as pessoas surdas. Nesse sentido, a lei existe para que possamos nos resguardar e lutar pela garantia da qualidade na educação no tocante ao processo de ensino e aprendizagem igualitário e inclusivo para os surdos. Além do mais, o Art. 208, em seu inciso III, ressalta sobre o direito que as pessoas com deficiência têm, isso inclui as pessoas surdas, em ter uma educação de qualidade e, de preferência, que seja nas escolas públicas regulares de ensino (BRASIL, 1988).

Mesmo com todas as orientações previstas na CF/1988, a educação para as pessoas surdas, de fato, só alcançou mais conquistas recentemente, quando o povo surdo e educadores engajados na causa passaram a fazer movimentos em Brasília e em outros espaços, na busca de serem cada vez mais reconhecidos e respeitados como um povo com língua e identidade próprias, assim como afirmam Mori e Sander (2015):

A democracia ficou mais concreta e também na área da educação especial e nos movimentos surdos passou a ocorrer uma maior participação de todos, com o interesse e do apoio de todos a tornar a acessibilidade e a inclusão uma realidade. Isto se refere às próprias pessoas com deficiência. Eles

³ Filiada à Federação Mundial dos Surdos, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) é uma entidade filantrópica sem fins lucrativos de apoio à Comunidade Surda. Disponível em <https://www.libras.com.br/feneis>. Acesso em 04 mar. 2021.

mesmos “arregaçam as mangas” e vão discutir suas possibilidades, seus sonhos e direitos (MORI; SANDER, 2015, p.11).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, reestrutura o ensino e a educação assume uma identidade autônoma. O dispositivo deixa claro que o Distrito Federal, Estados e Municípios precisavam de uma preparação para atender e trabalhar com a educação especial em sua plenitude, nas três modalidades de educação: Educação Infantil - como primeira etapa da educação básica; Ensino Fundamental; e a Educação Superior. A LDB 9.394/1996 traz os artigos 4º, 58, 59, 59 e 60, os quais tratam sobre direitos e garantias da igualdade e condições de oportunidades para o desenvolvimento do aluno surdo em seu processo educacional. Apesar da existência desse dispositivo legal, a luta da comunidade surda por uma educação que realmente considere as reais necessidades dessa população ainda persiste em todos os níveis de educação.

Prosseguindo com a historicidade, no contexto atual, duas leis merecem ser mencionadas por ter contribuído significativamente para a evolução da educação dos surdos. A primeira foi a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, ela “estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas deficientes ou com mobilidade reduzida”. O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, é o segundo documento importante a ser destacado, o qual, regulamenta o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda do Brasil. Para Mori e Sander (2015):

A promulgação desse Decreto foi um passo notável na história da educação dos surdos no Brasil, e coloca nosso país à frente de muitos países desenvolvidos, devido à visão e prática modernas de respeito, de inclusão e acessibilidade, como o mundo exige nos dias de hoje (MORI; SANDER, 2015, p. 12).

A referida lei trouxe a LIBRAS como um direito da comunidade surda, dispondo em seu Art. 4º sobre a obrigatoriedade de sua inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, tanto em nível médio quanto em nível superior, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

Na atualidade, a obrigatoriedade da inclusão da LIBRAS como disciplina nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério trouxe consigo a problemática do despreparo de professores para o ensino da matéria, bem como a da escassez de profissionais formados na área de LIBRAS, como perceptível:

No processo de inclusão dos surdos na escola regular ocorre a falta de formação adequada dos professores e demais profissionais para trabalhar com os alunos surdos e não têm o conhecimento acerca de Libras. Diante disso, os educadores surdos requerem uma educação bilíngue, atualmente o método mais defendido entre os pesquisadores de Educação dos Surdos. A Língua de Sinais é a língua instrução como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa é a segunda língua (L2) na modalidade escrita (STOCK, 2015, p. 08).

Ademais, conforme destaca Rossi (2010), os professores são despreparados para o ensino de Libras. Por isso, há uma tendência a focalizar a correspondência de vocabulário entre os sinais e a palavra falada em Língua Portuguesa, o que demonstra um desconhecimento da estrutura da LIBRAS.

Oliveira, Chiote e Xavier (2012), por sua vez, analisaram o processo de apropriação de conhecimentos sobre a Libras em curso de formação de professores, focando, especialmente, os aspectos que interferem nos processos de ensino em aulas ministradas por professor surdo e nos percursos de aprendizado de estudantes dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Letras-Inglês. Durante a pesquisa, os autores verificaram a complexidade dessa interação, a partir das concepções e imagens que os alunos fazem da surdez e da Libras, fator que interfere nos processos interativos, bem como na apropriação do conhecimento sobre a linguagem.

Para Stock (2015):

Muitos pensam que a língua de sinais é uma simples expressão gestual da língua portuguesa, mímica e gestos soltos. Atualmente há estudos desenvolvidos no campo da fonologia, da morfologia, da sintaxe e da semântica e pragmática. Ainda há alguns estudos com a sociolinguística, linguística do texto e análise do discurso assim como toda outra língua falada, a diferença é que a língua de sinais é visual-espacial (STOCK, 2015, p.58).

São várias as discussões sobre a LIBRAS. Mas, de fato, o que é a LIBRAS? Para Gesser (2009), é uma língua com sistema linguístico próprio e independe de outras línguas, para ser falada ou expressada. A LIBRAS não é somente expressada na comunidade surda, ela é falada e interpretada entre os membros desse grupo. E, por conta disso, existe a figura do profissional que é tradutor e intérprete de LIBRAS.

A Lei Brasileira de Inclusão, mais conhecida nacionalmente como Estatuto da Pessoa com Deficiência, foi criada no ano de 2015, porém, só veio a ter funcionalidade em janeiro de 2016. A referida lei reuniu várias normas que, somadas a outras leis já criadas e citadas

anteriormente, fortaleceu a possibilidade de promover e assegurar a igualdade de acesso e permanência das pessoas com deficiências nas escolas públicas e universidades, como também seus direitos sociais e de cidadania na forma da lei, contribuindo para a inclusão dessas pessoas em outros ambientes.

Outra lei que também agregou benefícios em relação ao desenvolvimento da pessoa surda em vários contextos foi a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, a qual criou e regulamentou a profissão de intérprete de Libras, profissional que, no Brasil, até o início do século XXI, era visto como um trabalho de caráter voluntário. A lei tratou de organizar a real função dos profissionais intérpretes de Libras na educação básica e superior, a fim de tornar mais dinâmico o trabalho desse profissional, e, principalmente, cuidou para que o intérprete de Libras passasse a ser mais valorizado e respeitado nos espaços educacionais formais e informais.

Ademais, nesta seção, apresentamos o histórico da educação de surdos no Brasil. E, de forma concisa, organizamos cronologicamente a diversidade de leis e decretos que propiciaram avanços e mudanças à vida social e educacional da pessoa com surdez. Já na seção subsequente, focalizamos a formação de professores para o ensino de surdos.

4. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO DE SURDOS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Nesta seção apresentamos uma discussão relativa à formação de professores e ao seu preparo para lidar com o aluno surdo no ambiente educacional. Além disso, tratamos da relação entre a educação inclusiva e a realidade das escolas públicas, destacando que parte delas permanece priorizando um ensino centrado na metodologia tradicional, impedindo, assim, que os alunos sejam estimulados a refletir e a discutir acerca do conhecimento compartilhado, principalmente o aluno com surdez.

Nesse sentido, é a defesa das escolas bilíngues para surdos, com a recente criação de cursos de pedagogia bilíngue para a formação de professores, tem se constituído uma importante questão no cenário educacional atual na escola. Sobre a abordagem educacional bilíngue é proposto o acesso do surdo a três línguas: a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, Língua escrita agramatical como língua de instrução, e a oficial do país, como segunda língua que, no contexto brasileiro, diz respeito à apropriação do português escrito, objetivo importante por apresentar uma organização estrutural decorrente de sua modalidade gestual-visual-espacial (FERNANDES, 2003).

Ademais, é importante o reconhecimento de que pressupõem a respeito da construção equivocada acerca da LIBRAS como mero recurso comunicacional e/ou pedagógico. Da condição de língua, a LIBRAS é fundamental, pois é necessária no intermédio em situações dialógicas, didáticas, além de práticas sociais que possibilitem a constituição das pessoas surdas (GIROTO; BERBERIAN; SANTANA, 2014).

Logo, para que o aluno surdo conclua a modalidade da educação básica em condição de igualdade com o aluno ouvinte é necessária à comunicação em Libras. Frente a esses objetivos, é possível presumir que a Libras precisa ser assumida, portanto, na perspectiva bilíngue, desde a educação infantil, como primeira língua e como língua de instrução, além do aprendizado do português escrito. Nesse sentido, o Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005), em seu artigo Art. 22, incisos I e II, previu a educação bilíngue.

Na atualidade observamos que a LIBRAS está se tornando cada vez mais reconhecida, deixando cada vez mais clara a importância de incluir o ensino da língua de sinais nas Universidades e em outros seguimentos escolares. De acordo com o decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, em seu artigo 3º descreve que:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005).

Acreditamos que é de cunho relevante a Libras como disciplina obrigatória nos cursos de Licenciaturas e Bacharelados nas Universidades e Institutos, uma vez que será visível a comunicação e a interação que as pessoas surdas passarão a ter com as pessoas ouvintes. Ainda sobre o decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, o documento ressalta sobre a importância de deixar claro que os cursos de licenciaturas que habilitam professores formadores são: curso normal de nível médio, normal superior que é o pedagógico, pedagogia e o de educação especial. Todos esses cursos preparam os professores para o magistério. O decreto também menciona que a Libras como disciplina curricular nos demais cursos de graduação e profissionalizante é ofertada de forma optativa (BRASIL, 2005).

Porém, por mais que as universidades nos cursos de licenciaturas preparem os professores para lidarem com as questões relacionadas à educação inclusiva nas escolas, poucos são os docentes que têm familiaridade com a LIBRAS. E, em decorrência disso, sentem-se inseguros para trabalharem quando se deparam com um aluno surdo em sala de aula.

Segundo Silva et al. (2007):

Estudos realizados na última década do século XX e início do século XXI, por diversos autores e pesquisadores oferecem contribuições à educação de alunos com surdez na escola comum ressaltando a valorização das diferenças no convívio social e o reconhecimento do potencial de cada ser humano (SILVA, et al., 2007, p. 13).

Para muitos professores, a educação dos surdos consiste em uma tarefa que exige cada vez mais dos educadores. Nesse sentido, entendemos que é fundamental que os docentes busquem estudar e pesquisar acerca das possibilidades de educação para esse público. Também é indispensável que os profissionais reflitam acerca dos desafios e do papel que as escolas ocupam na vida política e social das pessoas com surdez. Nas palavras de Silva et. al. (2007):

Estudar a educação escolar das pessoas com surdez nos reporta não só a questões referentes aos seus limites e possibilidades, como também aos preconceitos existentes nas atitudes da sociedade para com elas. As pessoas

com surdez enfrentam inúmeros entresos para participar da educação escolar, decorrentes da perda da audição e da forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas. Muitos alunos com surdez podem ser prejudicados pela falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio-afetivo, linguístico e político-cultural e ter perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem (SILVA, et al., 2007, p. 13).

É notório que, em pleno século XXI, ainda ocorrem muitos descasos com relação à educação dos surdos nas escolas de ensino regular. Infelizmente as pessoas, quando se deparam com uma pessoa surda na escola, ainda lhe direcionam um olhar preconceituoso ou de espanto por não conseguirem interagir com o surdo e, por vezes, por não acreditarem que uma pessoa com surdez tem capacidade cognitiva de desenvolvimento como qualquer outro indivíduo.

Diante desse cenário, é imprescindível que os surdos estejam cada vez mais inseridos no espaço social, para que possam interagir com outras pessoas. E, nesse ponto, a política de educação para a inclusão de pessoas surdas e com outras deficiências nas escolas contribui, de fato, para a construção de uma sociedade justa e igualitária para todos.

A questão da formação de professores e do ensino escolar nos remete a uma visão diversificada da realidade social dos alunos surdos, exigindo-nos reflexões sobre as práticas educativas atuais para trabalhar a inclusão dentro das escolas. Para Vieira-Machado e Lopes (2016, p. 648), “[...] Na atual conjuntura, a formação docente delinea-se com estratégia precisa na constituição de um corpo de professores interessados e sensibilizados nessa política e vem responder a uma urgência histórica”. Ou seja, é importante que professores, na condição de educadores, estejam dispostos a permanecerem sempre no processo de inclusão de surdos nas escolas e no seu pleno desenvolvimento, no tocante ao ensino-aprendizagem, pois, para conseguir se desenvolver, o sujeito precisa estar ativo e ser participativo em relação ao seu processo educacional.

Conforme ressalta Nunes (2001):

[...] a importância de se considerar o professor em sua própria formação, num processo de auto-formação, de reelaboração dos saberes iniciais em confronto com sua prática vivenciada. Assim seus saberes vão-se constituindo a partir de uma reflexão na e sobre a prática. Essa tendência reflexiva vem-se apresentando como um novo paradigma na formação de professores, sedimentando uma política de desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e das instituições escolares (NUNES, 2001, p. 30).

Dessa forma, devemos refletir acerca do trabalho desenvolvido e o que estamos procurando para nossas vidas, assim como qual é a finalidade de nossa qualificação enquanto profissionais, pois é a partir dessas experiências que adquirimos autonomia intelectual e pessoal, aprendendo a nos envolver com o contexto social, cultural e, o mais importante, com a situação real de cada aluno em sua individualidade, sendo ele surdo ou ouvinte.

Conforme já apontamos, há despreparo por parte dos professores ouvintes para lidarem com o aluno surdo, o que foi verificado na pesquisa realizada por Lima, Souza e Bruce (2013). Ao final do estudo, os autores concluíram que essa relação precisa primar pela aceitação das diferenças individuais, compreendendo o aluno com surdez a partir de seus próprios referenciais e vivências. E, de fato, é importante que os professores levem em conta que os alunos surdos já vêm do seio familiar com certo conhecimento de mundo e de convivência, como também os saberes já adquiridos contribuem para um bom desempenho para sua formação escolar e social no mundo no qual estão sendo inseridos.

Portanto, é necessário que os educadores tenham uma boa formação, por meio da qual possam ter acesso a conhecimentos didático-pedagógicos, e que sempre estejam dispostos a buscarem novas formas de aprendizagem e estratégias pedagógicas que contribuam para o ensino e para o desenvolvimento dos alunos surdos nas escolas. Como nos lembram Silva et. al. (2007):

As práticas pedagógicas constituem o maior problema na escolarização das pessoas com surdez. Torna-se urgente, repensar essas práticas para que os alunos com surdez, não acreditem que suas dificuldades para o domínio da leitura e da escrita são advindas dos limites que a surdez lhes impõe, mas principalmente pelas metodologias adotadas para ensiná-los (SILVA, et al., 2007, p. 21).

Para os autores é importante que o ensino da LIBRAS, desde os anos iniciais, seja desenvolvido a partir da ação-reflexão e da interação professor-aluno, de forma que um aprenda com o outro. Assim, ambos contribuem para que a aprendizagem se dê de forma dinâmica, sempre visando à inclusão escolar das pessoas surdas e não a exclusão.

Nessa perspectiva, os espaços de educação formal devem sempre estar preparados e capacitados para receberem a pessoa surda. Parte significativa dos pesquisadores que se dedicam à questão da surdez, como é o caso de Quadros (2008), acreditam que:

A criança precisa ter contato com adultos surdos. A presença de surdos adultos apresenta grandes vantagens dentro de uma proposta bilíngue. Primeiro a criança, tão logo tenha entrado na escola, é recebida por um

membro que pertence a sua comunidade cultural, social e linguística; assim, ela começa a ter oportunidade de criar a sua identidade. Segundo essa criança começa a adquirir a sua língua natural (QUADROS, 2008, p. 30).

Defende-se a ideia de que a interação entre as pessoas da mesma comunidade surda resulta em um melhor desempenho no ambiente de aprendizagem educacional. Por outro lado, acredita-se também que a relação com pessoas ouvintes afeta ou influencia o desenvolvimento ou a condição um do outro. Então, ambas as convivências são necessárias.

5. A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR SURDO: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS SOBRE DEFICIÊNCIAS AUDITIVA OU SURDEZ E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Neste primeiro momento, disserto sobre a minha trajetória, contando sobre quem sou, quando me descobri surdo, como foi a convivência em família e com os outros, o período escolar e a minha trajetória no ensino superior como aluno dos cursos de licenciatura em Letras-Libras, Sistemas de Informação, Tecnologia em Processamento de Dados, na Especialização em Libras e no Mestrando em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da UNILAB e do IFCE.

Não basta somente falar do que sou e onde estou hoje. É necessário que eu me debruce sobre a minha historicidade e construa uma paisagem autobiográfica, a fim de compreender como meus processos de transformação e formação pessoais e profissionais ocorreram e ocorrem.

5.1 SOBRE MINHA TRAJETÓRIA DE SUJEITO SURDO

O texto dessa seção, em que eu, Geraldo Venceslau de Lima Júnior trato da minha trajetória, não passou por qualquer revisão de linguagem. Os registros, feitos em Língua Portuguesa, refletem exatamente a relação que, como mestrando, desenvolvi na minha segunda língua, ao longo do percurso na educação formal.

O autor responsável por essa dissertação, é surdo, cearense, porque primeiro colégio São Vicente aceita inclusão infantil I,I,III, IV e V barreira profunda professores falta comunicação ensinar não conseguiu aprender nada problema as pessoas alunos conversam pouco depois minha mãe nome Darci procurar outro colégio não aceita inclusão vezes outros nem nenhum demora encontra colégio Manuelito aceita inclusão serie 1^a a 4^a prova simples ajudar professores não conheça falta cultura surda e identidade surda depois Colégio Filippo Smaldone aula especial surdos proibido Libras foca oral sofre difícil depois sair entro ex - colégio cecoop serie 5^a a 8^a problema barreira que falta interprete de Libras difícil meu amigo surdo nome Fabio Luiz oral-visual ajudou comigo também ex-colegio coopefor 1^a e 2^a ensino médio outro ex-colégio São Paulo 3^a ano ensino médio igual interprete de Libras, estudo pratica material de vestibular depois entro prestou o vestibular para o curso de Tecnologia em Processamento do Dados, no UNICE (União Cearense das Associações de Ensino Superior – UNICE.) - Educação Superior - em Fortaleza. 3 anos 1^a,

à 4ª Semestre, porque havia a difícil barreira da falta de intérprete de Libras quando chega novo interprete de Libras começa 5ª a 6ª semestre até final. Tenho de reforçar que eu lia e estudava todos dias, mas sem muito êxito, pois falta entender que objetivo professor escrever de pincel branco do quadro, já fazer crítica professor oral a fala precisa pincel desenha e mas escreve conteúdo limite, porque pratica programador código visual compreender, além de começar sempre atrasado. Reclamei com o diretor, informei não aceitar que o intérprete de Libras demorasse/ chegasse atrasado. Tive, então, a ideia de ir a outra instituição procurar um/a intérprete. Encontrei uma profissional na FIC/ (Centro Universitário Estácio do Ceará.). Essa intérprete passou a atuar na sala de aula em que eu estudava. Para a escrita da Monografia, contei com o auxílio de minha colega moça, especialmente no tocante às normas da ABNT. Ocorre que eu havia produzido um TCC “agramatical” e, por essa razão, precisei submetê-lo à análise de uma especialista, que realizou os ajustes de ordem linguística e formais. Vencida esta etapa, matriculei-me no curso Bacharelado em Sistema de Informação, na FIC (Centro Universitário Estácio do Ceará.) Ali contei com intérprete de Libras tem pronto todos interprete de Libras explica com professores entendendo claro pratica adaptado prova atividades os todos dias.

Outro curso pós-graduação Educação Distância - EAD em Especialização em Libras tem Dvd's dentro tem Interprete de Libras disciplinas os todos dias, como meu ex – trabalho funcionário terceirizado na Secretária de Trabalho Desenvolvimento de Social – STDS moça funcionário servidora experiência Artigo TCC ajudou comigo ela já faz artigo de TCC todos certo formando especialização mas barreiro problema TCC agramatical as pessoas não tem interprete de Libras difícil ajuda, reforça estou lendo estudar(especialização). Já fui primeiro ex – trabalho em Instrutor de Libras percebi compreendo experiencias ensino Libras tempo 7 anos no CURSO OTIMO (IPREDE Instituto da Primeira Infância). Outro meu trabalho pouco falta comunicação as pessoas funcionários no STDS nada conversamos porque problema comunicação os povos não conheçam cultura surda e identidade surda como falta acessibilidade de Libras tempo 5 anos eu pedi demissão aqui depois entro trabalho novo outro empresas DELL de Computer tem acessibilidade as pessoas tem interprete de Libras, visual-especial, etc dentro informática cargo Testado de Software outro cargo programador tempo 3 anos, depois vou fazer entrar inscrições depois faz prova de vestibular a aprovado 4ª Lugar o curso de **Letras Libras de EAD, na Universidade Federal de Paraíba – UFPB**, no ano de 2011, no primeiro semestre.

Essa expectativa de cursar a graduação vinha em sua visão de trabalhar futuramente como professor de Língua Brasileira de Sinais – Libras começa estudo disciplina vários

*importante Letras aprender bom ao ser aprovado nessa graduação, participou em todas as disciplinas inseridas nessa faculdade, quanto Monografia de TCC minha amiga Vanessa Teixeira (**Professora e Libras no UNILAB**) ajudou fazer digitar monografia escrever mim digitando agramatical monografia pesquisa ICES, Outro escola surda, etc. No ponto de vista, essas disciplinas fizeram maximizar a compreensibilidade no que se tratava nesse ramo linguístico. Todavia passou-se por dificuldades, pois nessas disciplinas trabalhava-se bastante com a segunda língua, a língua portuguesa. Esse foi o ponto que fez com que o autor procurasse explanar a importância do uso da Libras. Os professores tutorias, com qual trabalhavam com seus alunos via distancia, foram altamente compreensivos com o desempenho e limitação desse sujeito surdo, durante seus trabalhos e provas acadêmicas.*

A cada presença que o aluno surdo comparecia em Ceará, para fazer suas apresentações, muitas das vezes era barreira, os demais alunos ouvintes não tinham nenhuma base e noção da Língua de Sinais, com que fez o pesquisador sentir-se frustrado e angustiado, pois era o único surdo matriculado nessa graduação. Era preciso que tivesse pelo menos algum percentual de alunos que soubessem lidar com a Língua Brasileira de Sinais, porém foi contraditório. Passados muito já fui perder muito 50 vezes prova o concurso público qualquer lugar tenho lutar estudar muito perder vezes muito porque barreira impossível o concurso público tem interprete de Libras mas problema prova objetivo português diferente línguas com L2 não aceita concurso público mas difícil, outro tenho reforça estudar o concurso público UFRSA 1ª fase passa concurso dissertação(agramatical aceita língua) quase perder 2ª prova didática , outro UFRN 1ª fase passa concurso dissertação(agramatical aceita língua) 2ª prova didática passa 3ª fase quase perder memorial , outro IFCE já faz prova dissertação quase perder 1ª fase porque acontecer doente muito perdi. Outro de novo reforça muito estudar quando UFCG já fui primeiro passar o concurso público todo certo ponto aprovado quando entro trabalho no UFCG não tem interprete de Libras como minha amiga Adriana(ouvinte) Professora de Libras ajudou comigo depois ela já explica cultura surda e identidade surda as pessoas alunas entendem, Eu sozinho possível ensino estratégia pratica de Libras atividades alunos ouvintes comunicação línguas de sinais conseguiu que atividades treinamos depois os alunos ouvintes assistir a prova vídeos Libras, etc, Alguns barreira falta comunicação as pessoas servidores na setores se depende possível digitando projeto de eventos que pedi modelo ne professora Adriana, já aprendo modelo como sem interprete de Libras 2 anos. Uma vez que,

O sujeito, na condição de autor de sua própria história, ao biografaria entra em transação consigo próprio, com os outros, os contextos, suas histórias e experiências formadoras. Esse movimento remete o autor a empoderar-se, como dimensão individual e coletiva, através de sentidos e significados que estabelecemos à nossa vida e as nossas narrativas cotidianas (SOUZA; VICENTINI; LOPES, 2018, p. 18).

Eu pedi coordenação de Monitores/Extensão vai criar edital de Monitoria de Libras 2 vagas primeiro Josefa já saber simples Libras 1 anos , já ensino muito sinais com dela de Josefa Pereira auxilia de Interprete Simples melhor ajudou mim depois de novo edital monitoria já ensino muito vários sinais Andressa Rodrigues 2 anos e Edinaldo simples Libras 6 meses, Gabriela melhor Libras 2 anos, Gabriela Cavalcanti simples Libras 1 ano, Maria Thereza simples Libras 4 meses, Jordana 6 meses simples Libras, depois nova chega Natalia Diniz interprete de Libras acompanha para mim sempre ajudamos depois 6 meses nova chega Janai Erica interprete de Libras começa desenvolvimento palestra eventos, etc. Minha esposa reclamar estudar o concurso público para mim, descobri criar edital de IFCE o concurso público vou fazer inscrições a IFCE estudo muito todos dias madrugada quando já fui passar o concurso público a 18ª lugar no IFCE demora 2 anos quando IF chama comigo vacância atualizar novo trabalho começa continuamente. Passado já ex- temporária 3 anos escola surdo no ICES experiência metodologia adaptado Libras os alunos surdos como língua com L1 cabeça visual importante método de Línguas de Sinais.

Sabe-se que a temporária é um método de aprendizagem indispensável a um profissional que deseja estar preparado para enfrentar os desafios de uma carreira, com a oportunidade de transformar alguma coisa no que se pode aproveitar e a parte teórica, conhecer a realidade do dia-a-dia, no que o acadêmico escolheu para exercer. À medida que o acadêmico tem contato com as tarefas que a temporária lhe proporciona, começa então a assimilar tudo aquilo que tem aprendido e até mesmo aquilo que ainda vai aprender teoricamente. Sabe-se que pedagogicamente o aprendizado é muito mais eficaz quando é adquirido por meio da experiência. Temos muito mais retenção ao aprendemos na prática do que ao que aprendemos na pratica visual e escrita. Objetivo metodologia foca gramática de Língua de Sinais importante Língua significação vários com Libras alunos surdos necessários visuais dentro portugueses escrita adaptada na escola surda. A pesquisa etnográfica consiste na prática das observações sistematizadas de campo, relatos, entrevistas e outros tipos de procedimentos, utilizando-se muito de narração, descrição, interpretação e compreensão, sendo estes processos aplicados à análise do objeto de estudo com vistas a conduzir suas investigações.

Os estudos referentes ao ensino de Libras metodologia como segunda língua para ouvintes ainda estão em expansão, portanto, espera-se que os resultados encontrados contribuam para os outros estudos relacionados à temática em tela. Tenho vontade fazer o mestrado objetivo metodologia com alunos surdo/ouvintes na Escola, Universidades penso projeto temas organizar depois já fui para UFAL – Maceió - Alagoas ir prova Libras gravar perder, outro para UERN área ENSINO já fui prova dissertação perder também para UFC área Linguística perdi proficiências INGLÊS mas limite difícil depois passo prova dissertação também entrevista no UNILAB – Redenção - Ceará porque aceita agramatical português com L2, depois ainda estudo o mestrando. Porque pesquisa área ensino importante Universidade e escola metodologia adaptador Línguas de Sinais as pessoas necessárias método avaliado ensino os alunos porque comunicação os povos que escola inclusão relacionado exportação possível desenvolvimento objetivo cultura línguas comunicação.

Porque já fui ex - trabalho temporário 3 anos ensino metodologia adaptado disciplina Libras dentro gramática de Libras modalidade as pessoas dependam surdos reforça ou limite estratégia método vai começar as pessoas surdos atividades de Libras prática percebam especiais-visual importante Línguas de Sinais no Instituto Cearense a Educação o surdo – ICES. Já fui experiência ensino as pessoas alunos ouvintes diferente não conheçam cultura surda identidade surda agramaticais línguas de Sinais como teoria língua cultura surda, necessários prática Libras comunicação importante as pessoas surdas a variação.

Já fui ex-servidor de professor de Libras no UFCG campus cajazeiras – PB quantos 4 anos tempos trabalho ensinar disciplina Libras 12 licenciaturas e dois bacharel em medicina e Enfermeira optativo Libras, os alunos ouvintes bom muito mas não conheçam cultura surda e identidade surda porque interior na Cajazeiras – PB a lugar diferente os povos nem admitir porque linguística de Línguas de Sinais importante necessários aproveita foca disciplina Libras a pessoas se interesse que aprender Línguas de Sinais prática e teoria depois pessoal empregar trabalha professor metodologia de alunos surdos na Escola pública ou privado Urbana e Rural objetivo inclusão de pessoas de deficiências precisa Línguas de Sinais comunicação alunos no colégio. Dois Janai e Natalia Diniz Interprete de Libras ajudamos comigo ensino alunos todos dias, outro juntamos Nozangelica lutamos no INCLUIR as pessoas deficiências importante.

Atualiza Trabalho no IFCE professor de Libras ensino curso extensão, licenciatura, etc metodologia de Libras com L2 as pessoas alunos ouvintes comparam ex-ufcg alunos diferentes os povos se interessem Libras difícil só disciplina Libras aproveita certificação, mas não compreender línguas de Sinais complicador falta comunicação como se

acontecer ensina errado evitar necessidade melhor estudamos depois conseguiu comunicação dialogo com alunos importante. Porque gosto de computador de Gráficos, design Gráficos e design Web, mas não consigo procurar empresas não aceita pessoas em deficiências que falta comunicação difícil chefe, funcionários preconceito deficiências auditivos não conquistar empresas problema, outro vou entrar primeiro o concurso público professor de Libras trabalha no Universidade de Federal vacância atualizar trabalho no IF.

Porque empresas despreza pessoas em deficiências auditivo as pessoas problema preconceito para mim. Ainda Estudante de Mestrado de UNILAB área ensino disciplinas tem interprete de Libras, Sinara professora orientadora também Kaline professora coorientadora e tem preocuparam problema limite agramatical dissertação ajudam comigo tenho fazer dissertação coisa todos dias, porque Sinara tem ainda preocupa todos dias barreira se conheça agramatical linguística cultura surda comigo difícil Kaline já conheça cultura surda língua com L1 como redação de dissertação, março aconteceu corona vírus aula suspeita, como virtual de Google Meet reunião orientação com acessibilidade.

6. O ESTADO DA ARTE: O QUE DIZEM AS PESQUISAS

O presente estudo justifica-se pela possibilidade de lançar luz sobre a inclusão dos surdos no contexto da Universidade. Procurou-se privilegiar a construção da identidade do surdo, enfocando a trajetória de vida e formação a partir de como esses sujeitos vivenciam e se constituem docentes em meio às práticas formativas e aos desafios que se apresentam.

Temos como objetivo identificar evidências científicas sobre o uso de glossários terminológicos no ensino e aprendizagem de estudantes surdos no Ensino Superior, publicadas entre os anos de 2011 e 2020, das bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD, Brasil Scientific Electronic Library Online - SciELO, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, O Centro de Informações sobre Recursos Educacionais - ERIC, Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal - REDALYC e Repositório Digital Gallaudet University.

Os glossários terminológicos, Libras, educação bilíngue e estudantes surdos, no íterim de março a junho de 2020, nos idiomas português, inglês, espanhol e Libras. Inclusive, não há, glossários terminológicos em LIBRAS, ao menos no material coletado para este estudo.

6.1 MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES

O presente mapeamento manifesta a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005, que marcam a obrigatoriedade da inserção/inclusão da LIBRAS no ensino superior, concretamente nas licenciaturas, e elegemos como descritores de buscas: a) inclusão; b) surdos e c) ensino superior. Tais descritores foram utilizados de forma associada, como uma espécie de equação matemática. Ressaltamos que essa correlação foi mediada pelos booleanos (Português: inclusão AND surdos AND ensino superior OR inclusão de surdos no ensino superior. English: inclusion AND deaf AND university education OR inclusion of deaf people in higher education) AND e OR na intenção de encontrar mais trabalhos relativos à pergunta central.

Para tanto, utilizamos a análise bibliográfica dos trabalhos científicos extraídos do Portal de Periódicos da CAPES, Google Acadêmico, e BDTD.

A seleção seguiu conforme explicitado na Figura 1. Além disso, todo esse percurso foi compartilhado e discutido com outro pesquisador, assim como está descrito no Diário de

bordo, registro que pode auxiliar outros pesquisadores a navegarem pela mesma rota, caso seja de seu interesse.

Figura 1 - Esquema do percurso investigativo



Fonte: Elaboração do autor (2021).

Nessa perspectiva, elegemos duas etapas para melhor organizar os achados. Denominamos de Etapa 1 a que compreende os critérios de seleção: por período – trabalhos publicados desde a efetivação da Lei nº 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005 até os dias atuais, e por título – desde que contemplasse os descritores pré-estabelecidos, a partir da pergunta de partida. No quadro 1, é possível verificar a quantidade dos achados, apresentando também a caracterização das dissertações e teses do estudo quanto à autoria, ano de publicação, base de dados, tipo de estudo e objetivo.

Quadro 2 - Quantitativo de pesquisas por Base de Dados na Etapa de Seleção

| Autor/ano | Tipo de trabalho | Base de dados | Tipo de estudo | Objetivo |
|------------------|-------------------------|-------------------------------|--|---|
| Olmo (2018) | Dissertação | Portal de periódicos da CAPES | Pesquisa bibliográfica e análise documental. | Analisar como se constituíram práticas bilíngues na educação de surdos no contexto das políticas de Atendimento Educacional Especializado no município de Linhares no Estado do Espírito Santo. |
| Neves (2016) | Dissertação | Portal | Pesquisa bibliográfica | Investigar as políticas |

| | | | | |
|------------------|-------------|-------------------------------|--|--|
| | | de periódicos da CAPES | e análise documental. | públicas de inclusão de alunos com deficiência e seus desdobramentos na inclusão do aluno surdo diante das contradições da realidade na escola regular de educação básica. |
| Santos (2019) | Dissertação | BDTD | Estudo de caso de abordagem qualitativa, entrevistas e análise documental. | Verificar se as políticas de inclusão, nos termos que são propostas, contribuem para diminuir os impactos das desigualdades que historicamente constituem a educação dos sujeitos considerados com deficiência auditiva, e se possibilitam o desenvolvimento de práticas de ampliação da participação desse grupo de pessoas na vida social, em especial no âmbito dos processos de ensino e aprendizagem. |
| Bregonci (2017) | Dissertação | BDTD | Cartografia simbólica. | Cartografar a educação de surdos, deficientes auditivos e surdo cegos na região do Caparaó Capixaba/ES, procurando identificar e problematizar as políticas e práticas da Educação Especial envolvendo este público nas escolas locais inclusivas/bilíngues. |
| Loss (2015) | Dissertação | Portal de periódicos da CAPES | Pesquisa de campo, de natureza qualitativa e entrevistas semiestruturadas. | Conhecer os antecedentes escolares de universitários surdos e condições de acesso e permanência no Ensino Superior. |
| Bazilatto (2017) | Dissertação | BDTD | Estudo de caso de abordagem de natureza qualitativa. | Analisar noções de surdez, linguagem e conhecimento que delineiam os processos formativos-educativos de estudantes surdos na Educação Superior em realidades brasileiras e mexicana. |

| | | | | |
|------------------------|-------------|-------------------------------|--|--|
| Costa Junior (2015) | Dissertação | BDTD | Estudo de caso do tipo etnográfico. | Analisar a rede de interdependência, na qual uma estudante surda encontrava-se envolvida no processo de formação no nível superior. |
| Gavaldão (2017) | Dissertação | Google Acadêmico | Estudo documental e de natureza descritiva de abordagem qualitativa. | Investigar as práticas discursivas dos professores sobre as condições de acessibilidade do contexto pedagógico dirigidas a uma estudante surda de uma Instituição de Ensino Superior. |
| Ramos (2017) | Tese | Portal de periódicos da CAPES | Pesquisa bibliométrica em BDTD. | Elaborar um estado do conhecimento sobre a educação de surdos com base em pesquisas acadêmicas de mestrado e doutorado, defendidas em programas de pós-graduação no país entre 2010 e 2014. |
| Cavalcante (2016) | Tese | Portal de periódicos da CAPES | Pesquisa bibliográfica. | Analisar as concepções de educação de surdos das teses e dissertações publicadas nos programas de pós-graduação em educação e educação especial, das instituições de Ensino Superior do Brasil, no período de 1990 a 2013. |
| Menezes (2020) | Dissertação | Portal de periódicos da CAPES | Pesquisa diagnóstica de abordagem qualitativa e aplicação de questionário. | Problematizar, a partir de pesquisa diagnóstica realizada, o processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos. |
| Ferrari (2017) | Tese | Portal de periódicos da CAPES | Entrevista e aplicação de questionários. | Compreender de que forma as condições sociais objetivas de pessoas surdas, aliadas a suas condições biológicas, expressas em trajetórias sociais diversificadas, favoreceram a construção de identidades sociais distintas, tendo como parâmetro de diferenciação sua decisão em utilizar preferencialmente a língua |

| | | | | |
|--|--|--|--|-----------------------------|
| | | | | oral ou a língua de sinais. |
|--|--|--|--|-----------------------------|

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Como podemos observar no quadro 1, estão apresentadas 12 obras, entre elas 9 dissertações e 3 teses.

Vale salientar que, no decorrer da pesquisa foram encontradas várias obras/trabalhos que abordam sobre a temática em questão, porém, algumas não se encaixaram na nossa pesquisa ora pela finalidade, ora pelo recorte temporal, o que nos levou a especificar apenas as que representaram maior relevância para nós. Como exemplo, a tese de doutorado de Ramos (2017), aponta 62 dissertações de mestrado e 8 teses de doutorado, um recorte feito entre 2010 e 2014. Já a tese de Cavalcante (2016) aponta 274 teses e dissertações, todas levantadas no banco de dados dos programas de Pós-Graduação em Educação das IES brasileiras e, como dados empíricos, 31 teses e dissertações. Estes achados são referentes a fases que não se encaixam na nossa pesquisa.

Por outro lado, Olmo (2018), presente na discussão ora apresentada no quadro de modo resumido, analisa como se constitui práticas bilíngues na educação de surdos em um contexto de Atendimento Educacional Especializado – AEE em um município do Espírito Santo. Logo, mostra a condução para um caminho de inclusão por meio da educação bilíngue, focando em estratégias para o aprendizado da L1 e L2 dos alunos surdos, ou seja, a LIBRAS como primeira língua do aluno surdo e a Língua Portuguesa como L2 para este discente que frequenta a escola regular.

O AEE se trata de um espaço importante para a educação dos alunos surdos, visto que, assim como apresentou o autor a respeito no estado do Espírito Santo, é um ambiente de práticas ligadas ao atendimento especializado com materiais adaptados, materiais didáticos visuais entendendo a necessidade do aluno surdo, além de possibilitar a construção de uma educação para surdos.

No entanto, Neves (2016) considera também o contexto histórico de exclusão das pessoas com deficiência nas escolas, destacando a importância de políticas públicas brasileiras referentes à educação especial para reverter o quadro de exclusão e criar condições de qualidade no ensino ofertado a essas pessoas, principalmente dos alunos surdos, como também o acesso e permanência nas escolas regulares de educação básica.

Além disso, a autora busca com base em fontes documentais, aquelas que fundamentam as políticas públicas para uma educação inclusiva no Brasil, investigar o processo de inclusão dos alunos surdos no município de Colombo – PR. Segundo Neves

(2016), há uma discrepância entre a efetivação real das políticas e as propostas iniciais, o que deixa evidente as muitas barreiras e limites nesse processo de inclusão.

Ademais, Santos (2019) verifica, no seu estudo, as políticas de inclusão nos termos que são propostas, contribuindo para diminuir os impactos das desigualdades que, historicamente, constituem a educação dos sujeitos considerados com deficiência auditiva. Portanto, investiga se as políticas possibilitam realmente o desenvolvimento de práticas de ampliação da participação desse grupo de pessoas na vida social, em especial no âmbito dos processos de ensino e aprendizagem. Na pesquisa a autora se refere aos alunos surdos de uma escola no município de Quirinópolis – GO, os quais participaram do estudo.

Diferente das pesquisas anteriores tratando dos alunos com surdez, Bregonci (2017) buscou cartografar a educação de surdos, deficientes auditivos e surdocegos na região do Caparaó Capixaba/ES, assim como problematizar as políticas e práticas da educação especial identificadas que envolviam este público nas escolas inclusivas do local. A pesquisadora considerou as diferentes características do surdo, surdocego e do deficiente auditivo e elaborou importantes reflexões ao longo do estudo.

Desse modo, produziu uma cartografia documental e literária ao passo que analisava as políticas locais e regionais, tanto da rede municipal quanto estadual, no que diz respeito à educação dos sujeitos com deficiência auditiva, surdos e surdocegos. E, além de demonstrar preocupação quanto à quantidade dessas pessoas fora escola no país e diversas outras dificuldades, se mostrou confiante quanto ao trabalho desenvolvido pelos profissionais na região do Caparaó Capixaba/ES, desde os professores especialistas, instrutores surdos e intérpretes.

Destaca-se que, “Os surdos, deficientes auditivos e surdocegos compõe o público alvo da educação especial dentro do grupo que é denominado de deficiências sensoriais.” (BREGONCI, 2017, p. 20). Logo, aqui cabe esclarecer o que os caracteriza, uma vez que possuem as suas particularidades.

A deficiência auditiva consiste na perda parcial ou total da capacidade de detectar sons, causada por má-formação (causa genética), lesão na orelha ou na composição do aparelho auditivo. Enquanto que é considerado surdo todo aquele que tem total ausência da audição, ou seja, que não ouve nada, nasceu natural surdo e inclui-se na cultura surda, usa língua de sinais visual-espacial, se e comunica em LIBRAS (BOGAS, s/d, on-line).

Deficiente auditivo pessoa com deficiência auditiva são termos corretos, podem ser usados para se referir a qualquer pessoa que tenha perda auditiva, seja ela branda, moderada ou total. Tanto um quanto o outro compartilham o mesmo problema: a falta da

audição. Surdez é o nome dado à impossibilidade ou dificuldade de ouvir. A audição é constituída por um sistema de canais que conduz o som até o ouvido interno, onde essas ondas são transformadas em estímulos elétricos que são enviados ao cérebro, órgão responsável pelo reconhecimento e identificação daquilo que ouvimos. Na medicina e no laudo médico, o termo “surdo” é utilizado quando a pessoa com surdez é diagnosticada com surdez profunda, quando é leve ou moderada ainda persiste o termo deficiente auditivo. Já na Comunidade Surda, o surdo é aquele que é usuário de LIBRAS e pertence a essa cultura.

A principal diferença entre “Deficiente Auditivo” e “Surdo” do ponto de vista clínico, o que difere surdez de deficiência auditiva é a profundidade da perda auditiva. As pessoas que têm perda profunda e não escutam nada, são surdas. Já as que sofreram uma perda leve ou moderada e têm parte da audição, são consideradas deficientes auditivas. Porém, levar em conta só a perspectiva clínica não é suficiente, já que a diferença na nomenclatura também tem um componente cultural importante: a LIBRAS (BOGAS, s/d, on-line).

Ademais, não basta somente conhecer o público com deficiências sensoriais, é preciso compreender as suas necessidades para possibilitar melhorias de modo geral. Sendo assim, Loss (2015) buscou conhecer os antecedentes escolares dos universitários surdos e as condições que esses discentes tinham acesso e permaneciam no Ensino Superior, evidenciando a necessidade dos estudos com surdos além da Educação Básica.

Do mesmo modo, há a necessidade em investigar as condições de acessibilidade do estudante surdo em instituições de Ensino Superior em um contexto pedagógico averiguando as práticas discursivas dos professores, assim como estudado por Gavaldão (2017). Além disso, a autora aponta a valorização das diferenças por meio de ações que acolham os alunos de acordo com as suas especificidades, reduzindo barreiras e promovendo a inclusão.

Dessa maneira, incluir também no sentido de orientar docentes para construírem as suas práticas fundamentadas nos princípios da Educação Inclusiva. E, portanto, construindo curso de formação para professores voltados à inclusão dos alunos com surdez, assim como ocorrido do Instituto Federal de Alagoas detalhado e discutido por Menezes (2020). Ou seja, a pesquisadora problematizou todo esse processo de ensino e aprendizagem de surdos, com base em uma pesquisa diagnóstica.

Contudo, destaca-se o quanto é importante compreender as condições sociais desse público ora apresentado, levando em consideração condições biológicas para favorecer a construção de identidades sociais distintas, pois há a possibilidade de escolhas entre utilizar, preferencialmente, ou a língua de sinais ou a língua oral, reforçando as características pessoais

e familiares na escolarização dos alunos surdos que fazem uso da língua materna – LIBRAS, e da Língua Portuguesa escrita como segunda língua (FERRARI, 2017).

Ademais, tanto Costa Junior (2015) quanto Bazilatto (2017) tratam do contexto de ensino de surdos no ensino superior. Enquanto o primeiro analisou a rede de interdependência de uma estudante surda que estava em processo de formação no ensino superior, o segundo buscou analisar as noções de surdez, linguagem e conhecimento que são traçadas nos processos formativos-educativos de discentes surdos na educação superior, levando em consideração, na pesquisa, realidades brasileiras e mexicana.

Bazilatto (2017) focou no processo educacional dos alunos surdos considerando também a linguagem. Logo, moldam de forma que tenham contato e façam uso da LIBRAS e da Língua Portuguesa escrita, não deixando de lado suas especificidades.

7. O PRODUTO EDUCACIONAL

O Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE tem o diferencial característico de exigir do discente pesquisador a elaboração de um produto educacional gerado a partir de uma atividade de pesquisa e que possa contribuir com a solução da problemática pesquisada. Entende-se que, dessa forma, o curso e seus discentes podem colaborar com o aperfeiçoamento da área de ensino.

O produto educacional relaciona o conhecimento acadêmico gerado na pesquisa com a sua aplicação em produtos e processos educativos voltados às demandas da sociedade e às necessidades específicas do contexto pesquisado. Sendo assim, entendemos que esse produto deve ser fruto da reflexão cotidiana do profissional pesquisador, o qual, por meio dessas reflexões, ressignifica o conhecimento e constrói novas aprendizagens, compartilhando-as com seus pares, ou seja, outros professores.

Ao elaborar um produto educacional, é preciso considerar, ainda, as especificidades e os desafios do mundo atual, que demandam uma formação ampla, abrangente, que forme cidadãos reflexivos, críticos para atuar na sociedade com compromisso e responsabilidade, isto é, um produto educacional inovador e desafiador (SILVA; SOUZA, 2018, p. 7).

Nesse sentido, o produto educacional deve ter, acima de tudo, a função de estimular uma reflexão sobre o propósito e a realidade atual da educação, ultrapassando, portanto, a função de ser apenas um método ou estratégia de ensino para uma determinada disciplina.

Assim, considerando as especificidades e os desafios do mundo atual e a necessidade de reflexão acerca da história de vida e formação de docentes surdos, o produto educacional videodocumentário evidencia as potencialidades e os desafios enfrentados ao longo da minha formação.

Para discutir os conceitos de documentário, recorreremos a Nichols (2005), que ocupa uma cadeira no Conselho Consultivo de Documentários do Departamento de Cinema da Universidade de São Francisco. Para o autor, documentários são filmes de não ficção, que nos transmitem um contorno sensível do mundo que compartilhamos e ocupamos, com base na autenticidade social. Os documentários desejam e transmitem intenções de verdades, se assim

quisermos e aceitarmos o acordo pretendido pelo cineasta e nossa aceitação (ou rejeição) a proposta a nós apresentada.

O produto educacional se enquadra na Categoria 2 – Mídias educacionais: vídeos. De acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela qual infere-se que:

Desenvolvimento de produto (Mídias educacionais como vídeos, simulações, animações, vídeo-aulas, experimentos virtuais, áudios, objetos de aprendizagem ambientes de aprendizagem, páginas de internet e blogs, jogos educacionais de mesa ou virtuais, e afins (CAPES, 2016, p. 19).

Logo, o produto desenvolvido no âmbito deste estudo se caracteriza como uma mídia educacional por abordar temática pertinente à educação, e se relacionar diretamente com o propósito de melhorias nos processos de acompanhamento de alunos surdos.

O videodocumentário deve ser considerado como importante instrumento de mobilização social. Nesse sentido, o vídeo em questão é elaborado a partir de quatro momentos de produção/coleta de dados: ATO I – O menino surdo; ATO II – O jovem surdo; ATO III – O homem surdo; e Ato IV – O Professor surdo. Dialoga com a hipótese de pertencimento da identidade surda, ou seja, a forma como se entende, aceita e contribui para o desenvolvimento epistemológico, social e comunicativo do surdo.

7.1 “NÃO CHORE, SEU FILHO AINDA VAI LHE DAR MUITO ORGULHO”: MEMÓRIAS DE UMA MÃE

A frase que intitula esse capítulo foi em alusão a fala da médica ao dar a notícia da surdez para a mãe do autor dessa dissertação.

Para organização do Produto Educacional realizou-se o convite para pessoas que participaram/participam dos desafios da trajetória formativa de um menino surdo que se transformou em professor. Sendo assim, foram convidadas: Profa. Sinara (Professora e Orientadora da Dissertação), dona Darci (mãe), Carla (irmã), Profa. Evanilda (Diretora da escola), Profa. Eunice (docente da época de criança), Karine (esposa) e o autor. Vale ressaltar que todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, conforme anexo II.

Os participantes reuniram-se no laboratório de gravação do Centro de Educação à Distância - CREAD do IFCE. O vídeo inicia com a fala da profa. Sinara Mota apresentando o vídeo documentário como uma excelente contribuição para a comunidade surda que almeja o

ensino superior. Em seguida dona Darci destaca os desafios de quando descobriu a surdez do filho:

Quando recém-nascido dormia no berço que ficava ao lado da parede onde ficava a garagem. O pai entrava no carro, e se, estivesse dormindo continuava. Mas aquilo, nunca nos chamava a atenção. Pois que nunca imaginava que pudesse ter filho surdo, para nós não existia, o conhecimento era zero. Tudo aconteceu nos anos setenta, tudo era muito desconhecido para nós. Aos sete meses de idade colocava sentado no carrinho de frente para uma porta que dava para o quintal e ele gritava o tempo todo, isso me chamou, atenção. Comentava com o pediatra do Posto de Saúde, essa criança não fala, não balbucia, só grita e ouvia “não mãe é assim mesmo, tem criança que demora a falar. Aos onze meses quando começou a andar, brincava de se esconder com o pai. O mesmo ficava escondido atrás da porta, batia e ele seguia direto. Mas quando batia palma atrás dele, ouvia. Ouvia apenas som muito forte. Diante dessas situações, percebeu-se, a falta de adição dele. Tudo começou... Levamos para o otorrino. Foi feito a audiometria, e em seguida encaminhado para São Paulo para o fazer a “eletrococleografia”, onde teve a indicação do uso da prótese, e acompanhamento com a fonoaudiológica.

A partir do relato da dona Darci, é possível perceber o susto no recebimento da notícia. Contudo, a família acolheu e procurou oportunizar um excelente acompanhamento na cidade de São Paulo, tendo em vista que, à época, poucos profissionais médicos acompanhavam crianças surdas e alguns exames específicos não eram disponibilizados em Fortaleza – CE.

Barcellos (2011) destaca que:

A descoberta da surdez de uma criança pode acontecer de maneiras variadas, mas comumente acontece através de queixas dos pais em relação às reações (ou falta delas) da criança a estímulos sonoros, que poderão ser comprovadas por meio da realização de exames solicitados pelo médico e/ou por outro profissional da saúde. Em outros casos, as pessoas do convívio da família alertam os pais sobre características específicas da reação da criança, e estes, por sua vez, procuram o diagnóstico (BARCELLOS, 2011, p. 26).

Indagada sobre como foi a infância, ressalta:

Brincava normalmente com as crianças ouvintes que moravam próximo de casa, se interessava muito por televisão. Inclusive tinha uns desenhos que ele gostava muito, mas que passava na televisão no horário que o mesmo estava na escola, então pedia a moça para gravar e ele assistia quando chegava. Quando viajava para o interior brincava, jogava bola, sempre participando das brincadeiras com as outras crianças. Íamos à praia, aniversários e parques infantis, participando junto com a família em todos os eventos.

Nunca foi excluído nas brincadeiras com outras crianças. Com três anos de idade, chegou o seu irmão, não observei nenhuma cena de ciúmes, pois ele já tinha os atendimentos necessários ao seu desenvolvimento, ia pra fonoaudióloga terapia ocupacional, etc. Sempre as atenções voltadas para ele, pois nós preocupávamos muito em ensinar tudo para ele.

Já em relação à vida escolar destacou:

A ida para escola, começou com um grande desafio. Fiz sua matrícula numa escola, cuja direção era de Irmã, sem levar ao conhecimento da direção, que ele era uma criança surda. Um mês depois voltei a escola para conversar, com a direção sobre o problema, a irmã diretora me falou “seu filho não pode estudar aqui, porque nós não temos professora especialista, para ensinar crianças surdas”. A decepção, eu mãe educadora e ver seu filho rejeitado na escola. Nessa época já tinha quatro anos de idade, e foi estudar no jardim de infância, no ginásio São Vicente, escola que eu lecionava. Não gostava de ir, chorava muitas vezes para ir à escola. Não era a escola que ele queria. Neste período o aproveitamento foi pouco, mas interagiu bem com as crianças ouvintes, participava das atividades extracurriculares e também em sala. Com seis anos começou a estudar no Centro Educacional Infantil Manuelito, onde foi alfabetizado. Nessa época eu (mãe) construí dominó de palavras e figuras, para trabalhar com ele em casa. Gostava de ir para a escola todos os dias, juntamente com os dois irmãos. Estudou por algum tempo não lembro quanto, acho que uns 2 ou 3 anos, até que foi fundada em Fortaleza a Escola Fillippo Smaldone, escola do Congregação Salesiana, só para surdos, onde cursou na época até a 4ª série. Depois de volta à escola de ensino regular, em escola de ouvinte, começou outro grande desafio, como estudar numa escola onde todos eram ouvintes, só ele de surdo, sem ouvir o que o professor falava e não tinha intérprete de Libras. Assim cursou o ensino fundamental e médio em escola de ouvinte e sem intérprete. Aos doze anos começou a frequentar a ASCE (Associação dos Surdos da Ceará), onde pela primeira vez aprendeu a Libras, no convívio com outros surdos. Ao concluir o ensino médio, fez vestibular e foi cursar “Processamento de Dados no UNICE (União Cearense das Associações de Ensino Superior). Quando cursou a disciplina de Economia, o professor, pagou uma intérprete para que ele, compreendesse melhor o conteúdo. E a partir daí, a faculdade ofereceu para as demais disciplinas. Quando concluiu o curso, no ano seguinte foi cursar “Sistema de Informação no FIC (hoje Estação de Sá). Nesse curso teve a presença da intérprete em todo decorrer do curso. Ao concluir, prestou exame vestibular na Universidade Federal da Paraíba, sendo aprovado para o curso licenciatura Letras de Libras, em João Pessoa – PB.

Castro (1999) considera que, para uma boa formação, há necessidade de participação efetiva por parte dos pais, visto que o apoio da família constitui a base para a socialização do surdo, sua compreensão das coisas e o entendimento de suas diferenças.

A irmã do Geraldo faz alguns destaques importantes na entrevista:

[...] um fato marcante da nossa convivência foi quando o Júnior se tornou professor. A gente não esperava por isso. Até então o que era ofertado para meu irmão em relação ao emprego, era sempre um salário mínimo. Emprego de limpeza... apesar dele estar na terceira faculdade, mas nunca foi oportunizado para ele algo que o currículo permitia. Ele mesmo buscou e foi atrás [...]. Quando ele passou no concurso e se tornou professor para nós foi algo muito marcante, pois na nossa convivência com os outros surdos, isso não era comum.

O relato apresenta a alegria da família com o esforço e as conquistas, apesar de todas as dificuldades enfrentadas.

Ademais, a escola deve ser um espaço onde o trabalho, o ensino, a aprendizagem e a convivência fluem de maneira que proporcione um ambiente formativo, de franca socialização, fomenta as potencialidades e que suscite o pensamento crítico/reflexivo não só sobre os conteúdos ministrados, como também nas ações e compreensões sobre o cotidiano, sobre si mesmo e o outro.

No entanto, nem sempre é esse o olhar ou é essa a lembrança que os surdos têm da escola. Em suas narrativas, sinalizam uma escolarização sem sucesso e marcada por rupturas e sofrimentos por não conseguirem ser inseridos de fato no processo de ensino/aprendizagem ofertado pelas escolas que frequentavam.

No depoimento da ex-diretora Evanilda Cavalcanti é possível observar um discurso de acolhimento e alegria.

[...] Geraldo chegou no nosso colégio em 1986, na época, cursando o Jardim da infância e permaneceu até a terceira série do ensino fundamental de hoje. Quando ele chegou foi um imenso desafio. Mas só em olhar para o rostinho e ver aquela simpatia aquele carinho. Geraldo é uma bênção, ele é diferenciado.

A gente recebeu o Geraldo de braços aberto numa época que não se falava em inclusão. Mas o amor e a dedicação nos fizeram enfrentar os obstáculos. [...] D. Darcí estava sempre mediando as situações. Ela foi a principal mediadora desse processo. [...] Nunca tivemos problemas em acompanhar o Geraldo. Apesar de não termos formação e nem informação, tudo aconteceu tranquilamente. Tivemos muito apoio da família. [...] O que me marcou em relação do Geraldo foi a socialização com as atividades da escola.

O conselho que daria para mães é o amor. Família e escola precisam caminhar juntas. [...] Quando na família existe o amor, nada sai errado.

[...] Lindo de ver o Geraldo chegando aonde chegou. [...] O Geraldo é feliz!

Corroborando com esses relatos, Masschelein e Simons (2013) destacam:

Ao lado do amor pelo assunto e talvez por causa disso, também ensina por amor ao aluno. Como um amador, o professor não é apenas versado sobre algo, também se preocupa e está ativamente envolvido nesse algo. Não só é conhecedor de matemática, mas apaixonado pelo assunto, inspirado por seu trabalho e pelo material. Esse é um entusiasmo que se mostra nas pequenas ações ou gestos precisos, expressões de seu conhecimento, mas também expressões de sua preocupação com o trabalho à mão e seu lugar (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 77).

Os diálogos até agora apresentados, estabelecem e orientam a formação de um menino que superou obstáculos, mas o apoio da família e da escola foram fundamentais para sua constituição como docente.

A fala da professora Eunice Andrade, apresenta o comprometimento com a educação em uma época em que nem se falava na inclusão, assim como vemos:

[...] Atualmente sou docente da Universidade Federal do Cariri (UFCA). [...] No meu início de carreira tive acesso ao Geraldo, na primeira série. (...) Ele era uma criança muito curiosa. [...] D. Darci sempre foi uma mãe muito zelosa e cuidadosa. [...] Lembro de textos que marcaram minha memória da época do Geraldo. [...] Muita honra dizer que a minha primeira experiência como docente foi receber uma criança com surdez na sala de aula. [...] Muito feliz ver o Geraldo se desenvolvendo na carreira docente.

Dessa maneira, a universidade e a escola, deram aos surdos primeiramente dignidade, ao passo que oferecem oportunidades de interação social e acadêmica, desenvolvimento cognitivo, socioafetivo, cultural e identitário, acarretando autoestima e autonomia em todas essas áreas.

Apesar do acolhimento na época da infância, a vida adulta na Universidade chegou com muitos desafios:

Primeiro fui entrar aula no UNILAB área ensino estou estudando mestrado, mas barreira professores primeiro cotas surdas não conheça como cultura surda também identidade surda a difícil estuda como se possível ler a revista, livros, etc dependa se conseguia português agramatical ou gramatica frases dependa sintaxe de Libras/ português, preciso lutar estudar experiencias português frases como diferente línguas com L2 sintaxe de Libras/ Português falta vocabulários também verbos vários outros metáforas a significar português dependa não entendo ou entendo metáforas de Libras/Português necessários praticas metáforas de português frases. Porque compara ouvintes falar diferente escrita/Português também surdos Libras diferente escrita/Português como dependa pessoas cabeça de memória escrever bem ou escrever agramatical outros diferente vários principais tarefa pratica professores ajudar orientação organizar português diferente línguas dissertação de línguas agramatical e gramatica Kaline Araujo Mendes de Souza já conheça experiencias coisa cultura surda diferente português língua

com L1 principais Libras frases agramatical ela organizou coisa português gramatical da Frases, Sinara vai começar conheça cultura surda línguas diferente como experiencia Kaline ajuda com ela de Sinara dissertação de Geraldo Venceslau outro Marla já conheça experiencia línguas de surdos escrita porque ela de Marla irmão surdo oral e Libras outro surdos estado no Universidade orientação de surdos. Remota aula de virtual não combinar porque limite falta internet vezes caiu Meet tem dependa travar que pouco conseguiu difícil porque melhor pessoalmente dinâmica relação atividades possível tarefa, classroom internet meet irregular.

Não é todo professor que é surdo, e sim, existem surdos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação dos sujeitos professores surdos em relação à formação profissional precisa ser pensado, pois o profissional surdo precisa ser reconhecido pela academia para além da sua produção escrita. Se faz necessário que se compreenda a linguagem dos professores, que deve ser reconhecida como uma forma diferente de pensar e escrever.

Como eu percorri os espaços da minha experiência, o dia a dia das implicações dos trabalhos para produzir é como encerrar uma visão do ouvinte que nos desafiam a Língua Portuguesa como desenvolvimento cognitivo diferente dos sujeitos - professores surdos. Apesar de compreender a Língua Portuguesa como a segunda língua, não é igual como da cultura auditiva do ouvinte.

Minha trajetória para realizar meus sonhos e enfrentar as implicações das normas ouvintes apresentou muitas dificuldades em sempre estar mostrando a diferença e não a deficiência, para o que os ouvintes compreendam a nossa língua, e que nós como professores e pesquisadores temos potencialidades.

Por esses motivos, penso que esse estudo possa contribuir de forma ativa com a vontade de saber para futuras pesquisas em visibilizar a inserção de professores surdos na produção acadêmica de forma efetiva e de modo que esses profissionais possam participar com equidade na sociedade ouvinte.

O meu processo de pesquisa no Mestrado, gerou uma rede entre professores, colegas, intérpretes e demais envolvidos. Assim compreendi que nessa relação se faz necessário o reconhecimento por parte da comunidade ouvinte e por parte da comunidade surda acerca da importância da aproximação dessas duas culturas no âmbito acadêmico

Com a escrita dessa dissertação, apresento a “transformação de um menino surdo em professor” evidenciando os constantes desafios perpassados e colaborando para a construção de novos caminhos para inserção dos surdos dentro da sociedade.

Este assunto não se encerra por aqui, porém é nosso papel tentar reafirmar e contribuir através de pesquisa, que a luta da comunidade surda é constante, apesar de hoje já termos legislações específicos que nos amparam, ainda é preciso desenvolver estratégias para que os direitos sejam garantidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. R. A. de. A Educação Jesuítica no Brasil e o seu legado para a educação da atualidade. **REVISTA GRIFOS**, n. 36/37, 2014.

BARCELLOS, C. **Língua e linguagem no diálogo mãe ouvinte-filho surdo**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana. Santa Maria, 2011.

BAZILATTO, A. **Surdez, linguagem e conhecimento na educação superior: trajetórias formativas de surdos no Brasil e no México**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Vitória, 2017.

BOGAS, J. V. **Surdo ou deficiente auditivo: qual é a nomenclatura correta?** On-line. Disponível em: <https://blog.handtalk.me/surdo-ou-deficiente-auditivo/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

BRASIL, **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Congresso Nacional. Brasília - DF, 1996.

BRASIL, Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República. Brasília - DF, 2016.

BRASIL, **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília - DF, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2HApbIq>. Acesso em: 15 set. 2019.

BRASIL, **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <http://bit.ly/30zyDRZ>. Acesso em: 15 set. 2019.

BRASIL, **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília – DF, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm. Acesso em: 20 jan. 2022.

BRASIL, **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília – DF, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 20 jan. 2022.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília - DF, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/1HN8xPt>. Acesso em: 15 set. 2019.

BREGONCI, A. M. **Cartografando a educação de surdos, deficientes auditivos e surdocegos na região do Caparaó Capixaba/ES**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.

CASTRO, R. G. **Libras**: uma ponte para comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos. 1999. f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial Infantil fundamental). Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 1999.

CARVALHO, V. O.; NÓBREGA, C. S. R. **A História de Educação dos Surdos: O Processo Educacional Inclusivo**. Trabalho de Conclusão de Curso. [Artigo]. Universidade Federal da Paraíba. 2015.

CHOI, D. et al. **LIBRAS**. 1. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

COSTA JUNIOR, E. R. da. **A modelação de uma política cooperativa na formação de estudantes surdos no Ensino Superior**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Vitória, 2015.

CRISTIANO, A. **Urubu-Kaapor**. 2018. Disponível em: <https://www.libras.com.br/urubu-kaapor>. Acesso em: 14 fev. 2022.

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Florianópolis – SC, 2010.

FERNANDES, E. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERRARI, C. C. **Surdez, Cultura e Identidade**: as trajetórias sociais na construção das identidades de agentes surdos. Tese (Doutorado em Educação, História, Política, Sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2017.

GAVALDÃO, N. **Acessibilidade a estudantes surdos na educação superior**: análise de professores sobre o contexto pedagógico. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília/SP, 2017.

GESSER, A. **LIBRAS?: Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIROTO, C. R. M.; BERBERIAN, A. P.; SANTANA, A. P. Saúde, Educação e Educação Especial: princípios e paradigmas norteadores das práticas em saúde no contexto educacional inclusivo. In: C. R. M. Giroto. (Org.). **Serviços de apoio em Educação Especial**: um olhar para diferentes realidades. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la UAH, 2014.

LEONEL, M. C.; SEGATTO J. A. Considerações sobre Autobiografia. In: LEONEL M. C e GOOBI M. V. Z. **Estudos Literários**: Modalidades da Narrativa. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2013.

LIMA, M. A. S.; SOUZA, M. F. N. de; BRUCE, C. C. Aluno surdo x professor ouvinte: retrato do processo de inclusão dos surdos na rede regular de ensino do município de Cruzeiro do Sul-ACRE. **VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**. Londrina, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT01-2013/AT01-036.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2022.

- LOSS, J. R. **Percursos de escolarização de acadêmicos surdos no ensino superior.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Chapecó, 2015.
- MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Vozes, 2001.
- MENEZES, M. R. O. **Formação de professores para inclusão escolar de alunos surdos.** Produto educacional da Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes: Maceió, 2020.
- MORI, N. N. R.; SANDER, R. E. **História da Educação dos surdos no Brasil.** Universidade Estadual de Maringá. Seminário de Pesquisa do PPE. 2015.
- NEVES, R. T. das. **Políticas públicas de inclusão de alunos com deficiência de 1994 a 2014: limites e perspectivas na inclusão de alunos surdos no Município de Colombo-PR.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2016.
- NICHOLS, B. **Introdução ao documentário.** São Paulo: Papyrus, 2005.
- NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, ano XXII, no 74, abr/2001.
- OLIVEIRA, G. M. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. **Synergies Brésil** n. 7, p. 19-26, 2009.
- OLIVEIRA, I. M. D.; CHIOTE, F. D. A. B.; XAVIER, K. S. Apropriação de conhecimento sobre LIBRAS em cursos de licenciatura: professor surdo e alunos ouvintes. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, v. 18, n. 36, jul/dez. 2012.
- OLMO, K. G. B. **Educação bilíngue em diário: políticas e práticas constituídas na educação dos surdos no município de Linhares no Estado do Espírito Santo.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Vitória, 2018.
- PASSEGGI, M. C. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.
- PASSEGGI, M. C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da. (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.
- RAMOS, D. M. **Análise da produção acadêmica constante no Banco de Teses da Capes segundo o assunto educação de surdos (2005-2009).** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2013.
- RODRIGUES, E.G.; GONTIJO, C. M. M.; DRAGO, R. Formação de Professores e Método de Ensino para Crianças Surdas. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v. 26, n. 1, p.143-158, jan./mar., 2020.
- ROMANELLI, O. História da educação no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ROSSI, R. A. A Libras como disciplina no ensino superior. **Revista de Educação**, Londrina, v. 13, n. 15, 2010. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/download/libras/leitural.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2022.

SANTOS, C. R. dos. **Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de Quirinópolis (GO)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, (PRPG). Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Goiânia, 2019.

SILVA, M. D. P. da.; SOUZA, R. M. de. Erradicação da surdez: a eugenia na escolarização dos surdos no século XIX. **Revista Pedagógica**, v. 20, n. 43, jan./abr. 2018.

SILVA, A. et al. Reflexões sobre o método de história de vida. **Revista Mosaico: estudos em psicologia**, v.1, n.1, p.25-35, 2007.

SOUSA, M. J. F. de. Os gêneros autobiográficos. In: SOUSA, Marcio Jean Fialho de. **A mimese da escrita intimista nas narrativas de Eça de Queirós**. Alemanha: NEA, 2016.

SOUZA, E. C. de.; VICENTINI, P. P.; LOPES, C. E. (Org.). **Vida, narrativa e resistência: biografização e empoderamento**. 1. Ed. v. 4. Curitiba: Editora CRV, 2018.

VENTURA, L.; CRUZ, D. M. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 426-446, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/23455>. Acesso em: 27 jan. 2022.

VIEIRA-MACHADO, L. M. da C.; LOPES, M. C. A Constituição de uma Educação Bilíngue e a Formação dos Professores de Surdos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 639-659, jul./set. 2016.

APÉNDICES

SUGESTÃO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA VÍDEO DOCUMENTÁRIO COMO TERIA SIDO SE FOSSE DIFERENTE? A (TRANS) FORMAÇÃO DE MENINO SURDO EM PROFESSOR

BLOCO 2 – Gestação, infância, descoberta da surdez, chegada à escola e permanência em ambiente formal de educação.

Perguntas dirigidas a dona Darcy, mãe de Geraldo:

1. Fale-nos um pouco sobre o nascimento e a infância de Geraldo.
2. Quando a senhora descobriu que Geraldo era surdo? Qual foi a sua reação? E por quê?
3. Como foi o percurso escolar (da Educação Infantil ao Ensino Médio) de Geraldo? Quais foram os desafios enfrentados por ele ao longo desse período?
4. E a universidade? Quando e como se iniciou a história de Geraldo como estudante universitário? Quais os obstáculos enfrentados por seu filho nesse ambiente?
5. Que balanço a senhora faz da trajetória de Geraldo?

Perguntas dirigidas a irmã do Geraldo:

1. Fale-nos um pouco como foi a sua convivência com o Geraldo?
2. Teve alguma situação marcante na trajetória de Geraldo na família que você gostaria de registrar?
3. Que conselho você daria para os familiares de pessoas surdas?

BLOCO 3 - Chegada à escola, permanência em ambiente formal de educação, desafios enfrentados, êxitos alcançados.

Perguntas dirigidas a diretora da escola que estudou:

1. Quando e como foi o seu primeiro encontro com Geraldo?
2. Quais pontos da realidade vivenciada por Geraldo, referentes ao período em

- que vocês conviveram em ambiente escolar, a senhora destacaria?
3. Que balanço a senhora faz da passagem de Geraldo pela Escola Manuelito?

Perguntas dirigidas a professora Eunice:

1. Como era a convivência do Geraldo em sala de aula?
2. Como a senhora percebia o relacionamento dele com os colegas ouvintes?
3. Que mensagem você deixaria para os familiares da pessoa surda?

BLOCO 4 – A vida adulta

Perguntas dirigidas à esposa Karine:

1. Como você conheceu o Geraldo?
2. Receberam apoio da família quando resolveram casar?
3. Como é o Geraldo marido, pai e professor?
4. Como foi a decisão de fazer a seleção do mestrado?

BLOCO 5 – Geraldo, o professor surdo que me tornei.

1. Como você avalia sua trajetória formativa?
2. Quais os principais desafios na escola básica e na Universidade?
3. O que o Mestrado significa para você?
4. Que mensagem você deixaria para a comunidade surda sobre a importância da educação?

ANEXOS

ANEXO I

BREVE RELATO DA VIDA – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Geraldo Venceslau de Lima Júnior, filho primogênito de Geraldo Venceslau da Silva e Maria Darci de Lima Venceslau, nascido aos 19 de novembro de 1978.

A primeira entrevista foi realizada com a mãe.

COMO FOI A GESTAÇÃO DE GERALDO?

Uma gestação Normal, acompanhada pelo obstetra, durante os nove meses. No quarto ou quinto mês, que eu lembro, tive uma infecção urinária, sendo tratada pelo obstetra que fazia o acompanhamento. Não recordo que tenha tido qualquer, outro tipo de doença como a rubéola, e outras. Nasceu de parto normal, mas tive muitas dificuldades, por isso nasceu de parto FORCEPS, tenho nascido com a cabeça alguns hematomas. Levados ao pediatra todos os meses, seguindo sempre as orientações de cuidados e alimentação. Durante esse período, nunca foi suspeito de não ouvir.

QUANDO E COMO DESCOBRIU A SURDEZ

Quando recém-nascido dormia no berço que ficava ao lado da parede onde ficava a garagem. O pai entrava no carro, e se, estivesse dormindo continuava. Mas aquilo, nunca nos chamava a atenção. Pais que nunca imaginava que pudesse ter filho surdo, para nós não existia, o conhecimento era zero. Tudo aconteceu nos anos setenta, tudo era muito desconhecido para nós. Aos sete meses de idade colocava sentado no carrinho de frente para uma porta que dava para o quintal e ele gritava o tempo todo, isso me chamou, atenção. Comentava com o pediatra do Posto de Saúde, essa criança não fala, não balbucia, só grita e ouvia “não mãe é assim mesmo, tem criança que demora a falar. Aos onze meses quando começou a andar, brincava de se esconder com o pai, o mesmo ficava escondido à traz da porta, batia e ele seguia direto, mas batia palma à trás dele, ouvia. Ouvia apenas som muito forte. Diante dessas situações, percebeu-se, a falta de audição dele. Tudo começou levamos para o otorrino, foi feito, feito a audiometria, e em seguida encaminhado para SÃO PAULO, para o fazer a “eletrococleografia”, onde teve a indicação do uso da prótese, e acompanhamento com a fonoaudiológica.

COMO FOI O DESENVOLVIMENTO DELE NA INFÂNCIA?

Brincava normalmente com as crianças ouvintes que moravam próximo de casa, se interessava muito por televisão. Inclusive tinha uns desenhos que ele gostava muito, mas que passava na televisão no horário que o mesmo estava na escola, então pedia a moça para gravar e ele assistia quando chegava. Quando viajava para o interior brincava, jogava bola, sempre participando das brincadeiras com as outras crianças. Íamos à praia, aniversários e parques infantis, participando junto com a família em todos os eventos. Nunca foi excluído nas brincadeiras com outras crianças. Com três anos de idade, chegou o seu irmão, não observei nenhuma cena de ciúmes, pois ele já tinha os atendimentos necessários ao seu desenvolvimento, ia pra fonoaudiólogo terapia ocupacional, etc sempre as atenções voltadas para ele, pois nós preocupávamos muito em ensinar tudo para ele.

Assim eles foram crescendo, quando, aos seis anos chegou sua outra irmã, cresceram, brincavam e brigavam também, mas tudo bem, se entendia e seguiam em frente. Certa vez levei os dois maiores para igreja, fomos assistir missa, me deram muito trabalho, só correndo dentro da igreja os dois.

O resultado é que quando cheguei em casa dê umas palmadas em cada um, explique que, na igreja eles tinham que se comportar direitinho. O meu erro, foi não ter conversado com eles antes. Mesmo assim acho que teria acontecido, pois eram crianças muito ativa. Daí em diante nunca mais me deram trabalho.

CONVIVÊNCIA NA FAMÍLIA?

Foi uma criança muito esperada, por ser o primogênito, como acontece com a maioria da família. O relacionamento, com todos os membros da família foi normal, apenas depois da descoberta da surdez, aos dez ou onze meses, tudo começou. Visitar periódicas ao otorrino, quando foi detectada a surdez, através da audiometria. Em seguida foi encaminhado para SÃO PAULO onde fez o exame eletrococleograma, pois na época em Fortaleza ainda na fazia. De volta foi protelizado, e começou a ser atendido por fonoaudióloga e terapia ocupacional e o Pai é quem levava para esses atendimentos. Em casa, tentávamos falar sempre com ele de frente, na tentativa de desenvolver um pouco da compreensão labial. Falava e mostrava os objetos. Na época, há mais de quarenta, é tudo que podíamos fazer.

Assim foi crescendo, até que aos doze anos, começou a frequentar a ASCE (Associação dos Surdos do Ceará), onde teve o primeiro contato com a Libras, sua Língua Materna. Daí em diante, não usou mais a “prótese Auditiva”, e começou a comunicação só através da Libras. Foi quando nós Pais e Irmãos, começamos a fazer cursos de Libras, para facilitar a Comunicação.

A CONVIVÊNCIA SOCIAL ESCOLAR?

A ida para escola, começou com um grande desafio. Fiz sua matrícula numa escola, cuja a direção era de irmã, sem levar ao conhecimento da direção, que ele era uma criança surda. Um mês depois voltei a escola para conversar, com a direção sobre o problema, a irmã diretora me falou “seu filho não pode estudar aqui, porque nós não temos professora especialista, para ensinar crianças surdas”. Os decepção, eu mãe educadora ver seu filho rejeitado na escola. Nessa época já tinha quatro anos de idade, e foi estudar no jardim de infância, no ginásio São Vicente, escola que eu lecionava. Não gostava de ir, chorava muitas vezes para ir a escola. (Não era a escola que ele queria) neste período o aproveitamento foi pouco, mas interagia bem com as crianças ouvintes, participava das atividades extra curriculares e também em sala. Com seis anos começou a estudar no Centro Educacional Infantil Manuelito, onde foi alfabetizado. Nessa época eu(mãe) construir dominó de palavras e figuras, para trabalhar com ele em casa. Gostava de ir para a escola todos os dias, juntamente com os dois irmãos. Estudou por algum tempo não lembro quanto, acho que uns 2 ou 3 anos, até que foi fundada em Fortaleza a **Escola Fillippo Smaldone**⁴, escola do Congresso Salesiana, só para surdos, onde cursou na época até a 4ª série. Depois de volta à escola de ensino regular, em escola de ouvinte, começou outro grande desafio, como estudar numa escola onde todos eram ouvinte, só ele de surdo, sem ouvir o que o professor falava e não tinha interprete de Libras. Assim cursou o ensino fundamental e médio em escola de ouvinte e sem interprete. Aos doze anos começou a frequentar a ASCE (Associação dos Surdos da Ceará), onde pela primeira vez aprendeu a Libras, no convívio com outros surdos. Ao concluir o ensino médio, fêz vestibular e foi cursar “Processamento de Dados no UNICE (União Cearense das Associações de Ensino Superior). Quando cursou a disciplina de Economia, o professor, pagou uma interprete para que ele, compreendesse melhor o conteúdo. E a partir daí, a faculdade ofereceu para as demais disciplinas. Quando concluir o curso, no

⁴ https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20061015_smaldone_po.html
<https://institutofilipposmaldone.com.br/fortaleza/>

ano seguinte foi cursar “Sistema de Informação no FIC (hoje Estação de Sá) Nesse curso teve a presença da interprete em todo decorrer do curso. Ao concluir, prestou exame vestibular na Universidade Federal da Paraíba, sendo aprovado para o curso licenciatura Letras de Libras, em João Pessoa-PB.

Fez também à distância o curso de Especialização em Libras. A conclusão do Curso foi em 2014. Fez concurso para professor de Libras, na Universidade Federal de Campina Grande, sendo lotado no Poló na Cajazeiras-PB, lecionando por quatro anos. Na Mesma época fez também concurso no IFCE (Instituto Federal de Tecnologia e Educação da Ceará), onde foi aprovado mas não assumiu no momento. O concurso foi prorrogado e ele foi chamado a assumir. Como já trabalha na Universidade, apitou, deixando a Universidade e ingressou no quadro do pessoal docente do Instituto, lotado no município de Tabuleiro do Norte, onde trabalha até hoje.

A jornada foi longa, os desafios foram muitos, mas a recompensa foi maior. Hoje conclui o mestrado no UNILAB, um para família todos seus amigos. Nós lhe consideramos um guerreiro, um batalhador que venceu muitos desafios. Parabéns, muito sucesso que Deus lhe abençoe e sempre.

OUTROS TRABALHOS:

- Antes de ser aprovado nos concursos Federais, teve outras oportunidades de Trabalho.
- Durante um mês, trabalhou na C&A, como repositor de produtos, quando completou o mês, falou para mim: “Mãe, não vou ficar nesse trabalho, perder faculdade”, pois já era formado em Processamento de Dados.
- Ex – Estagio Trabalhei suporte de Computador na Receita Fazenda.
- Ex - Estagio Trabalhei Redes de computador na Prefeitura de Maracanaú – CE.
- Também trabalhou na STDS (Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social) em Serviços burocráticos (biblioteca), onde ficou uns três anos.
- Trabalhou no DELL computer empresas de computadores, ficando lá até ser aprovado nos concursos.
- Lecionou Letras Libras no ICES (Instituto Cearense de Educação de Surdos).
- Identificar as experiências da trajetória da formação inicial e a aprendizagem da Libras.

- Identificar como os processos formativos vivenciados contribuíram para a aprendizagem da docência (estágio, projetos de extensão e pesquisa com relação à escola, Universidade Federal e Instituto Federal).
- Compreender de que forma a prática letas Libras dos formadores de professores do curso de licenciatura em Letras Libras influenciaram a aprendizagem da docência estratégica.
- Estratégia prática Línguas de Sinais as alunas pesquisar área Libras.

Barreira dentro Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira mestrado professores orientadores cotas línguas diferentes surdo.

Primeiro fui entrar aula no UNILAB área ensino estou estudando mestrado, mas barreira professores primeiro cotas surdas não conheça como cultura surda também identidade surda a difícil estuda como se possível ler a revista, livros, etc dependa se conseguia português agramatical ou gramatical frases dependa sintaxe de Libras/ português, preciso lutar estudar experiências português frases como diferente línguas com L2 sintaxe de Libras/ Português falta vocabulários também verbos vários outros metáforas a significar português dependa não entendo ou entendo metáforas de Libras/Português necessários práticas metáforas de português frases. Porque compara ouvintes falar diferente escrita/Português também surdos Libras diferente escrita/Português como dependa pessoas cabeça de memória escrever bem ou escrever agramatical outros diferente vários principais tarefa prática professores ajudar orientação organizar português diferente línguas dissertação de línguas agramatical e gramatical Kaline Araujo Mendes de Souza já conheça experiências coisa cultura surda diferente português língua com L1 principais Libras frases agramatical ela organizou coisa português gramatical da Frases, Sinara vai começar conheça cultura surda línguas diferente como experiência kaline ajuda com ela de Sinara dissertação de Geraldo Venceslau outro Marla já conheça experiência línguas de surdos escrita porque ela de Marla irmão surdo oral e Libras outro surdos estado no Universidade orientação de surdos. Remota aula de virtual não combinar porque limite falta internet vezes caiu Meet tem dependa travar que pouco conseguiu difícil porque melhor pessoalmente dinâmica relação atividades possível tarefa, classroom internet meet irregular.

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a):

Você está sendo convidado para participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada **“COMO TERIA SIDO SE FOSSE DIFERENTE? A (TRANS) FORMAÇÃO DE MENINO SURDO EM PROFESSOR”**

Esta pesquisa é de responsabilidade do pesquisador Prof. Geraldo Venceslau de Lima Júnior, E-mail para o contato geraldovenceslau@gmail.com, endereço profissional: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Rodovia CE-377, Km 2 Sítio Taperinha, Tabuleiro do Norte - CE, e da orientadora Profa. Dra. Sinara Mota Neves de Almeida, e-mail para contato sinaramota@unilab.edu.br, endereço profissional: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB), Rodovia CE-060, Km 51, s/n, 62785-000, Acarape - CE, 60714-903 e cujo objetivo é compreender a constituição da identidade de um professor surdo, a partir das narrativas e dos processos formativos vivenciados ao longo de sua vida.

A sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que trabalha. Há riscos quanto a sua participação sendo esses, desconforto no momento do questionário e entrevista e constrangimento com a divulgação dos dados coletados. Contudo, tudo foi planejado para minimizar os riscos da sua participação, porém se sentir desconforto emocional, dificuldade ou desinteresse poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com o pesquisador. Asseguramos que todas as informações coletadas serão utilizadas para fins acadêmicos, garantido sigilo das suas informações contidas nessa pesquisa. O senhor(a) poderá solicitar ao pesquisador os dados que foram coletados.

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre sua participação na pesquisa entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, situado na Sala 303, 3º Andar, Bloco D, Campus das Auroras – Rua José Franco de Oliveira, s/n, CEP: 62.790-970, Redenção – Ceará – Brasil, com Tel: 3332.6190 e E-mail: cep@unilab.edu.br; ou acesse a Plataforma Brasil no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>.

Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a) _____, portador (a) da cédula de identidade _____ declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa. E, por estar de acordo, assina o presente termo

Fortaleza, ____ de _____, de 2021

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) pesquisador(a)